



Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

**Perspectiva Analítico-comportamental sobre o filme**

**“Apenas uma chance”: Uma visão clínica**

Karlos Magno Sousa Silva

Brasília  
Março de 2017



**IBAC**

Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

## **Perspectiva Analítico-comportamental sobre o filme**

### **“Apenas uma chance”: Uma visão clínica**

**Karlos Magno Sousa Silva**

Monografia apresentada ao Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Análise Comportamental Clínica.  
Orientador: André Lepesqueur Cardoso.

Brasília  
Março de 2017



Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento

### **Folha de Avaliação**

**Autor:** Karlos Magno Sousa Silva

**Título:** Perspectiva Analítico-comportamental sobre o filme “Apenas uma chance”:  
Uma visão clínica.

**Data da Avaliação:** 8 de Março de 2017

Banca Examinadora:

---

Orientador: Prof. Msc. André Lapesqueur Cardoso

---

Membro: Profa. Msc. Ana Karina Curado Rangel de-Farias

---

Membro: Profa. Msc. Lorena Bezerra Nery

Brasília  
Março de 2017

A todos que de alguma maneira me fizeram  
chegar até aqui.

## **Agradecimentos**

Agradeço à minha família, amigos e a meu fiel companheiro por todo carinho e compreensão!

A todos os mestres que contribuíram para que eu me tornasse um melhor profissional com seus conhecimentos e experiência clínica.

## Sumário

Folha de Avaliação -----	i
Dedicatória -----	ii
Agradecimentos -----	iii
Sumário -----	iv
Resumo -----	v
Introdução -----	1
Resumo do filme -----	6
Capítulo I – Comportamento Operante-----	14
Capítulo II – Comportamento Respondente e suas Implicações sobre o comportamento de Paul-----	28
Capítulo III – Operações motivadoras-----	35
Capítulo IV – Comportamento governado por regras-----	41
Capítulo V – Terapia Molar e de Autoconhecimento-----	47
Considerações Finais -----	52
Referências Bibliográficas -----	56
Anexos	
Tabela 1. Padrão comportamental: fuga/esquiva-----	62
Tabela 2. Padrão comportamental: “resiliente”-----	63

## Resumo

O presente trabalho teve como objetivo apresentar, por meio da história real de Paul Potts, narrada no filme “Apenas uma chance”, uma proposta da Análise do Comportamento para os fenômenos clínicos, presentes no filme, e relevantes para a formação do psicólogo clínico. Esse recurso didático tornou possível explicar a partir de exemplos ao leitor o que é comportamento operante, respondente, operação motivadora, comportamento governado por regras e como um terapeuta sob a orientação da Terapia Molar e de Autoconhecimento atua junto ao cliente. Para isso o comportamento de cantar música erudita de Paul Potts foi um dos principais comportamentos selecionados para análise. Foi identificado que entre os reforçadores que o mantiveram cantando ópera estão o apoio e a atenção da mãe, da esposa, do regente do coral, do ex-chefe e das platéias pelas quais já tinha se apresentado e que o estímulo ópera foi predominantemente emparelhado a situações prazerosas e ao apoio de sua mãe. Foi possível analisar o papel da privação social e afetiva no engajamento de Paul em relação ao comportamento de cantar, o que possivelmente contribuía para o aumento do valor reforçador dos estímulos envolvidos no cantar. Observou-se que o comportamento de cantar estava sob controle das contingências, e não das regras oferecidas a ele para fazê-lo parar. Sob o enfoque da Terapia Molar e de Autoconhecimento dois padrões comportamentais se destacaram ao longo do filme: padrão de fuga e esquiva e padrão “resiliente”.

Palavras-chave: comportamento respondente; comportamento operante; operação motivadora, regras e autorregas, Terapia Molar e do Autoconhecimento.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise comportamental, com o auxílio da ferramenta didática de um filme (“Apenas uma chance”), sobre fenômenos (que aparecem na trama do filme) corriqueiros na vida de alguns dos pacientes que chegam até a psicoterapia clínica em busca de auxílio.

Entre os elementos de análise escolhidos para o presente estudo estão os fenômenos conhecidos socialmente como “trauma” e “resiliência”, como a análise do comportamento os interpretam e a relação deles com o comportamento de cantar.

Câmara (2011), ao fazer uma revisão histórica do conceito de trauma na teoria freudiana, o define como algo que vem de fora, como um choque violento que exclui o sujeito. É alguma coisa que impede o sujeito de dominar e elaborar psiquicamente o ocorrido. O trauma é da ordem do real e sua temporalidade é de ruptura, de um instante, mas de um instante que promove uma mudança permanente no sujeito, espalhando e manifestando seus efeitos em diversos processos psíquicos. Embora o conceito de trauma tenha sido substituído ao longo da construção da psicanálise pela teoria da fantasia, e isso ocorreu porque a cada vez que Freud procurava compreender melhor a cena traumática, ele se deparava com uma fantasia, um relato que tornava difícil distinguir o que era real e o que era fantasia, fazendo-o chegar à conclusão de que, na maioria das vezes, os relatos eram, na verdade, fantasias mascaradas de traumatismos, isso não impediu que o conceito de trauma se disseminasse e permanecesse vivo atualmente em algumas áreas da psicologia, e no senso comum, principalmente.

Em relação à resiliência é importante mencionar que esse conceito tem significados diferentes quando se investiga sua origem dentro da psicologia: a



corrente latino-americana, que inclui os Brasileiros, entende o fenômeno como algo originado da física, que estaria relacionado à resistência ao estresse, mas também à recuperação e superação. Com isso os sujeitos escolhidos por essa corrente teórica para pesquisas relacionadas ao tema era aqueles que se abalavam e se recuperaram tanto quanto aqueles que permaneceram bem o tempo todo, estudando características ambivalentes em um mesmo conceito. Já para a corrente anglo-saxônica, resiliência estava relacionada apenas à resistência ao estresse e com isso os sujeitos escolhidos para pesquisas relacionadas ao tema era aqueles que não se abalavam em situações adversas, demonstrando o que os autores entendiam por competência. A noção de adaptação, no sentido de ajustamento social, fazia parte dessa concepção (Brandão, Mahfoud, Gianordoli-Nascimento, 2011)

Apesar dessas definições clássicas dentro da psicologia sobre esses dois fenômenos, ao longo do trabalho será possível perceber que a análise do comportamento procura por variáveis externas para explicar qualquer tipo de fenômeno psicológico, sem precisar recorrer a explicações mentalistas para determinar porque um comportamento ocorre. Ou seja, dizer que Paul continuou a cantar porque era resiliente ou deixou de fazê-lo porque ficou traumatizado não explica coisa alguma para essa abordagem psicológica. Para ela, a explicação está na interação entre o organismo e o meio com o qual ele se relaciona.

Uma análise molar e análises moleculares dos comportamentos do personagem principal (Paul Potts) serão apresentadas ao longo do presente trabalho com o intuito de esclarecer ao leitor quais possíveis razões contribuíram para Paul continuar a cantar, apesar das adversidades encontradas ao longo de sua vida, ao mesmo tempo em que tentará demonstrar ao leitor o quanto o personagem principal poderia se

beneficiar de um processo terapêutico que favorecesse o processo de autoconhecimento.

Baseado nesse propósito, a monografia irá se configurar da seguinte ordem: o primeiro capítulo focará no comportamento operante, na tentativa de explicar como o comportamento de cantar foi aprendido e se manteve ao longo da vida do personagem principal. O segundo capítulo falará sobre o comportamento respondente para explicar alguns comportamentos de Paul ao longo do filme, por exemplo, o mal-estar que sentiu ao se apresentar diante de Luciano Pavarotti e ao ser criticado por ele após a audição. O terceiro capítulo se debruçará sobre as operações estabelecidas (variáveis motivacionais) presentes na vida de Paul, e bem retratadas no filme, que provavelmente contribuíram para o aumento da probabilidade de Paul emitir a resposta de cantar ao longo de sua vida. O quarto capítulo explorará a distinção entre comportamento governado por regras e comportamento governado pelas contingências, utilizando exemplos do filme para evidenciar essa distinção. E, por fim, o quinto capítulo tratará sobre autoconhecimento e terapia molar.

A possibilidade de ver o filme para quem for ler o presente trabalho é um elemento que lhe confere uma importância singular. A utilização de filmes como recurso didático acaba aproximando o mundo acadêmico da população em geral e despertando o interesse pela Análise do Comportamento e seus princípios, ao mesmo tempo em que revela como eles podem ocorrer em um caso concreto (De-faria & Ribeiro, 2014). Vale ressaltar que o filme em questão é baseado em uma história real e recente, o que proporciona uma maior fidedignidade aos processos comportamentais.

Para falar da Terapia Analítico-comportamental é importante situar em que momento da literatura comportamental o presente trabalho está inserido. Ao longo da

história, avanços significativos foram feitos no intuito de agregar maior eficácia à terapia comportamental, que por fim acabaram por contemplar aspectos importantes da singularidade humana, antes negligenciados ou deixados de lado, tornando a terapia comportamental uma abordagem mais completa e robusta quando comparada a fases anteriores.

A terapia comportamental passou, até o momento, por três fases denominadas de gerações ou ondas. Cada período conferiu uma maneira distinta de enxergar os fenômenos e disponibilizou, ao clínico, ferramentas específicas para lidar com eles.

Lucena-Santos, Pinto-Gouveia e Oliveira (2015) afirmam que a terapia comportamental, desde os seus primórdios, rompeu com qualquer tipo de prática que não fosse embasada cientificamente e passou a primar pelo estudo do comportamento humano de forma objetiva, racional e em busca de padrões que pudessem ser verificados empiricamente. Observação, predição e modificação comportamental sempre estiveram entre suas premissas. A primeira geração de terapeutas comportamentais tinha como foco de trabalho a modificação do comportamento por meio da utilização de técnicas provenientes de princípios do condicionamento clássico, conhecido como aprendizado estímulo-resposta, e do condicionamento operante ou Skinneriano. O trabalho clínico estava focado nas emoções e nos comportamentos problemáticos e tinha pouca ênfase na relação terapêutica durante esse período (Lucena-Santos *et al.*, 2015).

Entre os fatores históricos que contribuíram para o surgimento da segunda geração, a partir do final da década de 60, estão: a criação da *Teoria de Aprendizagem Social*, pelo psicólogo Albert Bandura, da *Terapia Cognitiva*, por Aaron Beck, e da *Terapia Racional Emotiva*, por Albert Ellis (Lucena-Santos *et al.*, 2015). Diante desse cenário, muitos terapeutas comportamentais passaram a se

definir como terapeutas cognitivo-comportamentais, misturando técnicas cognitivas com técnicas comportamentais. A ciência psicológica básica deixou de ficar estreitamente relacionada apenas à psicologia da aprendizagem e passou a considerar também o processamento da informação. A maneira como as pessoas interpretavam o mundo e as experiências vividas ao longo de suas vidas passaram a ser o foco do trabalho clínico dessa geração, uma vez que se acreditava que cognições mal-adaptadas estavam relacionadas de forma causal ao sofrimento emocional, de maneira que, por meio da modificação de tais cognições, era possível fazer o sofrimento emocional e os comportamentos mal-adaptativos diminuírem. A relação terapêutica ganhou maior importância nesse período (Lucena-Santos et al, 2015).

Entre os fatores que contribuíram para o surgimento da terceira geração estão: os questionamentos relacionados à eficácia das estratégias cognitivas, a perda da importância das causas ambientais e contextuais ocorrida na fase anterior e o fato de considerarem a cognição como categoria à parte dos demais comportamentos e não apenas como comportamento verbal (Lucena-Santos et al, 2015).

A terceira geração reformula e sintetiza as gerações anteriores da terapia cognitiva e comportamental, buscando a construção de repertórios amplos, flexíveis e efetivos que pudessem contribuir para a adaptação do cliente e não solucionar problemas específicos como as gerações anteriores buscavam fazer. A estratégia era ajudar o cliente a focar no presente e a desistir de lutar contra pensamentos e sentimentos desagradáveis na expectativa de mudança comportamental. Para essa geração, a compreensão do contexto favorece a compreensão do comportamento (Lucena-Santos et al, 2015).

Vandenberghe (2001) afirma que o encontro entre a visão behaviorista radical e o *setting* tradicional das terapias verbais fez surgir um movimento que ficou conhecido

como Análise Clínica do Comportamento, que, embora se assemelhasse à Análise Aplicada do Comportamento por compartilhar a doutrina skinneriana, se distinguia por tomar ao pé da letra a posição behaviorista radical sobre os eventos privados e por desistir da medição e contagem de frequências de comportamentos públicos funcionalmente definidos. Os eventos privados são vistos como efeitos das contingências sociais que atuam sobre a vida do cliente.

O foco de intervenção do terapeuta da terceira geração volta a ficar restrito ao consultório terapêutico e não mais envolve a manipulação direta das contingências em ambientes onde os problemas ocorrem. Como dito acima, o terapeuta, sob esse paradigma, rejeita a noção de causas mentais, mas presta mais atenção aos eventos privados e ao papel do controle verbal no comportamento do cliente e utiliza as falas e o que ocorre na relação terapêutica para fazer as intervenções necessárias (Assunção & Vandenberghe, 2010; Boavista, 2012; Kohlenberg & Tsai, 1991/2001; Vandenberghe, 2001).

Feita esta retrospectiva histórica sobre a evolução da terapia comportamental e o momento atual em que ela se encontra, é possível observar o contexto de maior flexibilidade onde o presente trabalho está inserido. Nele, é possível compreender o quanto a utilização de um filme como recurso didático pode contribuir na tradução das características mais marcantes da Análise Clínica do Comportamento para o futuro leitor, estudante e profissional da área.

### **Resumo do Filme “Apenas uma chance”**

Baseado em uma história real, “apenas uma chance” faz uma retrospectiva da vida do personagem principal, Paul Potts. O filme mostra que Paul gostava de cantar música erudita desde pequeno, pois quando criança cantava em um coral de igreja.

Desde esse período já é possível perceber que sua mãe era sua principal incentivadora, enquanto o pai o recriminava por suas preferências e, no decorrer da vida, pelo seu peso corporal.

O filme mostra uma cena em que Paul ouve ópera na mesa do café da manhã e simula que é maestro também, o pai, ao presenciar a cena, faz de tudo para o filho parar de se comportar daquele jeito; primeiro, arrancando-lhe de uma de suas mãos a faca que lhe servia como batuta; depois, o fone de ouvido. A mãe, ao perceber que a música tinha cessado, não pensou duas vezes e ligou o som da cozinha, de onde era possível ouvir ópera novamente. O pai de Paul levantou intempestivamente da mesa para demonstrar a insatisfação com a cumplicidade entre os dois, mas ambos o ignoraram e deram sequência ao que estavam fazendo. Após esse episódio é possível confirmar o quanto Paul e seu pai são distantes um do outro, pois além do ocorrido anteriormente, ao saírem juntos para ir ao trabalho, Paul, em uma loja de celular; o pai dele, em uma metalúrgica, ao cruzarem o portão, não se despedem nem se abraçam, indo cada um vai para uma direção.

A indiferença do pai não era seu único problema, ele sofria perseguições de garotos da mesma faixa etária que a dele, mas que não gostavam de ópera nem do som da sua voz. Os garotos o perseguiram e lhe chamavam de “rolha de poço”. Matthew Space, seu colega de turma e líder da gangue que o perseguia, era quem mais praticava *bullying* com Paul. Quanto mais *bullying* sofria, mais Paul cantava, quanto mais cantava, mais *bullying* sofria. Essa perseguição por Matthew e sua gangue ocorreu na infância, passando pela adolescência, até chegar à fase adulta.

Em relação a sua vida afetiva, seu chefe ao saber que ele tinha uma namorada virtual há um ano e que eles nunca tinham se encontrado, tomou a liberdade de pegar o celular de Paul escondido e marcar um encontro para que eles pudessem se

conhecer. Como a namorada dele morava a 80 km da cidade de Paul e precisaria pegar o trem, o encontro foi marcado na estação de trem da cidade. No primeiro momento, Paul ficou receoso por medo de a garota não gostar de sua aparência, mas acabou indo ao encontro dela no dia marcado. Ao chegar à estação, ela já o estava esperando. Após se cumprimentarem, os dois resolveram procurar algum lugar para fazer uma refeição, mas mudaram de planos ao encontrar com a mãe de Paul no meio do trajeto e acabaram indo almoçar na casa dela. Durante a refeição com a família de Paul, os personagens passam a falar de suas vidas, o pai de Paul fala sobre uma jogada de Rúgbi que o deixou famoso temporariamente no passado. A namorada de Paul, sabendo das aspirações de Paul em ser cantor de ópera, relembra ao pai dele que, pelo visto, ele não será a única celebridade da família. O pai de Paul aproveita a oportunidade para dizer que o filho deveria arrumar um emprego na metalúrgica, comprar um apartamento e aproveitar os benefícios do sindicato. Paul diz ao pai que, se fizesse isso, logo moraria debaixo da ponte.

Depois do almoço, Paul apresenta seu quarto para a garota e lhe mostra o quanto ópera é algo que lhe fascina, mas o pai, no andar debaixo, parece incomodado e passa a bater com o cabo da vassoura no teto da casa, fazendo ruído no quarto de Paul. Constrangido com a situação, ele a chama para dar uma volta e continua falando do seu interesse por ópera. Curiosa, ela pede que ele cante para ela ouvir, e ele diz que não está preparado para fazer isso naquele momento, e promete que um dia o fará. Ele conta sobre seu sonho de ir a Veneza estudar canto na escola onde Pavarotti faz parte do Conselho, mas sem ter a expectativa de encontrá-lo por lá. Conta que está guardando dinheiro, mas ainda lhe faltam 500 libras e que gostaria de ir dentro de três semanas.

Já dentro de um Pub, Paul e sua namorada são surpreendidos pelo chefe de Paul, que lhes informa sobre a inscrição que ele fez para si e Paul participarem de um concurso de talentos que iria pagar 300 libras para o ganhador. Depois dessa rápida conversa, Paul leva sua namorada até a estação de trem para que ela pudesse voltar para casa. Os dois falam o quanto gostaram daquele dia, e sua namorada pergunta se eles se verão quando ele voltar de Veneza. Ele responde que isso pode demorar anos, mas ela afirma que ele ganhará o concurso e que esperava que a próxima ligação que Paul fizesse a ela fosse de uma gôndola em Veneza, pois, do contrário, ele nunca mais ganharia o beijo que ela lhe daria naquele momento.

Isso de fato acaba acontecendo, ele se apresenta no concurso, ganha e embarca para Veneza, mas não sem passar por constrangimentos provocados por seu arqui-inimigo, Matthew Space. Na saída do local da apresentação, Matthew tenta roubar o dinheiro de Paul com agressões e ameaças, mas não é bem-sucedido. Graças ao seu chefe e à namorada dele, Paul escapa de ser agredido por Matthew com uma corrente de bicicleta, como já acontecera no passado, e consegue recuperar o dinheiro de volta.

Depois da vitória no concurso, Paul embarca para Veneza para ter aulas de canto na escola de música italiana. De lá, liga para a namorada para contar as novidades e dizer suas impressões da cidade, ela fica incrédula, e ele promete um dia levá-la até lá. Na escola de música, ele tem intensivo de italiano pela manhã, apresentando muita dificuldade com a língua, e aula de canto pela tarde. No decorrer das aulas, ele fica sabendo que Luciano Pavarotti estará presente na escola dentro de três semanas e que como não terá tempo para ouvir a todos os alunos, será necessário selecionar os dois melhores para cantar para ele, para isso será necessário que as melhores duplas disputem entre si para definir qual delas irá ter esse privilégio. Para surpresa



de alguns, ele foi um dos selecionados para compor uma das duplas. Juntamente com sua parceira, Alessandra, ele acaba ganhando a oportunidade de se apresentar para Pavarotti. Durante os ensaios para concorrer no concurso, os dois foram se aproximando cada vez mais, e por pouco, não se envolveram. No momento em que a garota tentou lhe beijar, ele disse que a achava linda, mas que não podia continuar com aquilo porque estava envolvido com uma garota muito especial e que ela era única. No dia da apresentação, sua parceira é a primeira a cantar e canta muito bem, Pavarotti faz alguns comentários sobre a apresentação, finalizando com elogios. No começo da apresentação de Paul, ele parece bem nervoso e ofegante, e no decorrer, desafina e pede para recomeçar. Pavarotti dá uma nova oportunidade, mas Paul desafina novamente e Pavarotti o interrompe, dizendo-lhe que durante a apresentação ele parecia nervoso, que não transmitia confiança e que, em sua opinião, ele ainda não era um cantor de ópera e talvez nunca fosse. Ao ouvir isso, Paul deixa uma lágrima correr entre seus olhos. Ao regressar para o País de Gales, o protagonista acaba indo trabalhar na metalurgia onde o pai trabalhava, mas percebeu que não tinha afinidade com aquela atividade e se afasta do local de trabalho para pensar a respeito da vida e para ler as mensagens de sua namorada, que até então não sabia do que tinha ocorrido em Veneza. Depois de conversar com o seu ex-chefe e amigo da loja de celular, ele decide procurar a namorada, que a princípio é resistente em lhe ouvir, mesmo ele explicando o porquê de sua ausência e que nada tinha a ver com falta de interesse por ela, e sim pela vergonha que sentiu por não ter se saído bem na apresentação com Pavarotti. A namorada só cede quando ele canta um trecho de uma ópera para ela. Com isso, eles reatam e acabam se casando. Um produtor que estava presente em seu casamento, e o ouviu cantar na cerimônia, elogiou sua qualidade vocal e fez um convite para que ele participasse de uma ópera chamada

Aida, em que representaria o papel de Radamés, mas não receberia dinheiro algum. Ele prontamente aceitou e estava radiante com a oportunidade.

Paul começa a ensaiar, mas, um dia antes da apresentação, passa mal em casa. Ao ser levado para o Hospital, descobre que estava com apendicite e que precisaria operar urgentemente, o que o impossibilitaria de cantar no dia da apresentação. Contrariando a ordem médica, Paul opera, e no dia seguinte, faz a apresentação, mas não consegue levá-la até o fim, pois passa mal no meio do segundo ato e é levado ao hospital novamente, onde a família fica sabendo que ele estava com um tumor na tireoide. Ao sair do hospital, Paul recebe uma homenagem de boas vindas da companhia onde estava ensaiando, do seu chefe, da namorada dele e da esposa, ficando bastante emocionado com a iniciativa. Seis meses depois, ao saber que iria receber um aumento de duas libras por hora trabalhada porque sua loja era a que mais vendia celular no País de Gales, ele e o seu chefe comemoravam. Seu chefe se fingiu de cantor de ópera e começou a cantarolar, e Paul finalizou, chegando à conclusão de que já podia voltar a cantar. Eufórico com seu desempenho, ele correu para casa para contar a novidade para a esposa, mas, ao se aproximar dela cantarolando ópera, acabou sendo atropelado por um carro bem na sua frente. Em decorrência do acidente, ele quebrou a clavícula, quatro costelas e deslocou a bacia. Isso impossibilitou ao médico afirmar quanto tempo seria necessário para que ele voltasse a andar.

Dezoito meses depois, a esposa de Paul, Julz, é quem mantinha a casa, mas ainda assim ambos continuavam passando por privações financeiras. Surpreendentemente, seu ex-chefe aparece em sua casa, conta-lhe sobre uma promoção que recebeu e oferece a Paul a oportunidade de ficar no lugar dele. Paul aceita o convite e volta a trabalhar na loja de celulares. Até que, certo dia, ao chegar do trabalho e entrar no

banho, a esposa o ouve cantando ópera novamente e fica admirada com o talento do marido. Na sequência, o filme mostra a família reunida em um restaurante, o pai de Paul fala sobre um ato heroico de Matthew na fábrica, e Paul aproveita a ocasião para revelar que Matthew nunca fora seu amigo e que, quando era criança, fora agredido por ele com uma corrente de bicicleta enquanto dois dos seus amigos o seguravam. Nessa ocasião, pai e filho têm uma conversa franca sobre o que cada um pensa a respeito do outro. Seu pai pede que ele pare de se lamentar da vida, e Paul pergunta ao pai até quando teria que ouvir sobre a clavícula quebrada de Gareth Edward e até quando ele teria que pagar o preço pelo pai não ter arriscado mais na vida. O pai o repreende e lhe diz que, na época, tinha mulher e filho para sustentar e questiona Paul sobre seu permanente estado depressivo, o quanto a esposa estava se sacrificando para pôr as coisas dentro de casa e finaliza perguntando qual era mesmo o sonho dele, se era ser o empregado do mês na loja de celular ou se era cantar, e que, na opinião dele, o filho estava era com medo de cantar e de superar isso.

Tempos depois, Paul e a esposa verificando, diante do computador, quanto precisam economizar para colocar as contas em ordem, acabam recebendo na tela do computador um anúncio sobre o programa de televisão *British's Got Talent*, que falava sobre um concurso de talentos em que o vencedor ganharia 100 mil libras. A esposa o incentiva a participar, mas ele, muito receoso de que viesse a ser rejeitado publicamente de novo, preenche a ficha de inscrição, mas não a envia, então propõe à esposa de tirassem na moeda (cara ou coroa). A esposa, inicialmente, concorda, mas, antes de mostrar qual a face da moeda que estava na sua mão, clica na tecla do computador propositalmente e envia a inscrição do marido para o programa. Ele acaba sendo chamando para participar do programa. Apesar de continuar receoso e pensar em desistir, Paul permanece nos bastidores do programa, assiste à

apresentação anterior à sua e vê os jurados depreciando a apresentação que foi feita. Apesar de achar que estava fazendo uma loucura e do descrédito dos produtores e jurados do programa, Paul se arriscou e fez uma excelente apresentação, arrancando aplausos da plateia, onde se encontravam sua mãe e esposa, e emocionando a todos os jurados. Seu pai o assistia pela TV, de dentro de um bar, e vibrou com a vitória dele. Aproveitou a ocasião para acertar as contas pelo que Matthew havia feito ao filho, já que ele também estava nesse bar e também assistia à apresentação e tentou depreciá-lo novamente. Depois dessa etapa do programa, outras se sucederam, e ele acabou sendo o vitorioso dessa edição e, com isso, alcançou a fama que sempre sonhou. A partir de sua fama alcançada com o programa, ele comprou uma casa nova, gravou seu primeiro disco, que vendeu mais de dois milhões de cópias, fez sua primeira turnê e até se apresentou para a rainha da Inglaterra. Finalmente, o filme mostra o pai se redimindo do tratamento dado ao filho durante todos os anos que haviam se passado ao lhe dizer que o único jeito de medir o sucesso de um pai é ver o quanto os filhos o superaram na vida e que, por isso, Paul deveria se orgulhar muito de si mesmo. Paul e Julz viajaram por todo mundo nos anos seguintes, e, assim como o protagonista havia prometido, um lugar especial não podia faltar: Veneza.

## Capítulo 1. Comportamento Operante

O Capítulo I tratará de uma parte do comportamento humano denominada pela Análise do Comportamento como comportamento operante. Ao contrário do comportamento respondente, que é eliciado por estímulos antecedentes, e que será tratado no próximo capítulo mais detalhadamente, o comportamento operante recebeu esse nome por ser a parte do comportamento humano (e de outras espécies) que opera sobre o meio, o que em outras palavras significa dizer que esse comportamento modifica o ambiente através de suas consequências e essas modificações aumentarão ou diminuirão a probabilidade de ele voltar a ocorrer no futuro. Para o Behaviorismo Radical, filosofia que embasa a prática clínica, o comportamento operante envolve tanto comportamentos públicos quanto privados, pois ambos são de natureza material, isso significa dizer que as mesmas leis que descrevem as relações funcionais de comportamentos públicos se aplicam aos comportamentos privados, o que os distingue é sua acessibilidade, uma vez que nos comportamentos privados (pensar, sentir, imaginar, etc.) apenas quem se comporta tem acesso a eles. (De Rose, 1997; Marçal, 2010; Skinner, 1953/2003).

Matos (1997) salienta que o behaviorista radical não trabalha com comportamento, e sim com contingências comportamentais, em que o comportamento é ação e é compreendido dentro de um contexto, sugerindo um movimento adaptativo do organismo. Para a autora, o comportamento operante é sensível aos efeitos que produz sobre o ambiente, por isso defende que Skinner entende o comportamento mais como interação do que como uma simples ação sobre o ambiente. Segundo ela, Skinner privilegia a função em detrimento da topografia do comportamento e considera ambiente como qualquer estímulo externo à ação,

independente das condições ou circunstâncias que afetam o comportamento estarem ou não fora da pele. Já Todorov (2007) explica que contingência é a relação de dependência entre eventos ambientais ou entre eventos comportamentais e ambientais e pode ser descrita pela afirmação “Se...então”, onde “se” especifica algum aspecto do comportamento ou do ambiente enquanto o “então” especifica uma consequência.

Skinner (1953/2003) afirma que a relação de causa-efeito pode ser traduzida de outra maneira: uma mudança na variável independente que provoca mudança em uma variável dependente, transformando-se em uma relação funcional. Descobrir através de uma análise funcional quais variáveis controlam o comportamento é importante porque permite ao analista do comportamento a descrição, previsão e controle do comportamento. Ao longo do tempo, vários tipos de explicação para justificar o comportamento humano foram feitas: causas fisiológicas, neurológicas e psíquicas estiveram entre elas, mas através de uma análise funcional bem elaborada sobre os padrões comportamentais atualmente “mal adaptativos” de um organismo é possível se chegar à raiz dos problemas que o afligem, sem precisar recorrer a explicações do tipo acima mencionadas. Para Skinner (1969/1984), uma análise funcional deve conter: a ocasião onde a resposta ocorre, a resposta em si e as consequências relacionadas a ela. É através das análises funcionais que se procura investigar as contingências de reforço que possibilitaram a pessoa a agir, pensar e sentir da forma como atualmente vem se comportando (Moreira, 2014).

Baum (1994/1999) e Skinner (1981) assinalam que o comportamento de uma pessoa sofre influência de três níveis de seleção: o filogenético, que envolveria as características herdadas pela evolução da espécie; o nível ontogenético, que envolveria a história de reforçamento do sujeito; e o nível cultural, que envolveria as

práticas culturais de onde o sujeito está inserido. Os comportamentos que caracterizam a pessoa são selecionados, mantidos e fortalecidos por eventos antecedentes e, predominantemente, pelas suas consequências. Esses eventos são considerados variáveis independentes em relação à variável dependente, o comportamento. A extensão vocal de Paul é uma variável biológica que influencia no comportamento de cantar ópera, assim como a história de reforçamento e a cultura onde ele estava inserido.

Chiesa (1994/2006) lembra que o Behaviorismo Radical, que serve de suporte filosófico para a Análise do Comportamento, define as pessoas pelo comportamento que elas apresentam, sem precisar recorrer a nenhuma entidade escondida atrás do comportamento. A pessoa é vista como uma unidade e como parte interativa do ambiente. Seu comportamento é definido por ações que ela executa e o ambiente envolveria tanto as coisas inanimadas quanto ele mesmo e as pessoas à sua volta (Skinner, 1953/2003).

Marçal (2010) revela que o fato de o Behaviorismo Radical adotar uma visão monista, materialista, determinista, interacionista, contextualista, externalista e selecionista impacta fortemente na maneira como o terapeuta atua e enxerga os “problemas” dos seus clientes no consultório.

Traduzindo isso para o caso em questão, significa dizer que, se Paul procurasse um psicoterapeuta analista do comportamento, este atuaria sabendo que o comportamento é fruto das relações entre a contingência e o organismo, e não dos processos mentais de Paul. O comportamento é determinado, mas isso não significa que Paul esteja desprovido da capacidade de atuar no ambiente para modificá-lo, modificando conseqüentemente a si mesmo (Skinner, 1953/2003). Ter escolhas, expectativas ou intenção apenas significaria que estes comportamentos, assim como

os demais, estariam sujeitos ao controle das variáveis ambientais e que esse determinismo poderia ajudar na compreensão de que todo comportamento tem razão de existir e é coerente com a história de vida de Paul.

O terapeuta, orientado pelo seu modelo teórico, teria uma visão externalista em relação aos determinantes do comportamento procurando investigar a função deles, situações que ocorrem, o que os mantêm, quais seus efeitos. Conceberia o papel ativo que o organismo tem sobre o meio e que o foco de análise é nas contingências envolvidas na vida de Paul, pois são as ações, e não sentimentos, que mudam o mundo. Entenderia os comportamentos de Paul através de uma visão seletiva, que o ajudaria também a estabelecer entre os objetivos terapêuticos a variabilidade comportamental para que Paul passasse a adquirir mais autoconhecimento, conhecendo mais as contingências que controlam seu comportamento.

Contingências de nível operante envolvem dois tipos de consequência: o reforçamento e punição. O reforço aumenta a probabilidade de o comportamento voltar a ocorrer no futuro enquanto a punição diminui. O reforçamento positivo é o processo de condicionamento que ocorre quando uma resposta produz um estímulo reforçador, aumentando a probabilidade de ela voltar a ocorrer no futuro. O reforçamento negativo ocorre quando a resposta produz uma consequência que remove ou evita um estímulo aversivo, também aumentando a probabilidade de sua ocorrência no futuro. A punição positiva acontece quando um comportamento produz uma consequência que adiciona um estímulo aversivo, diminuindo a probabilidade de ele ocorrer futuramente. A punição negativa é caracterizada por uma consequência produzida pelo comportamento que remove um estímulo reforçador, diminuindo a probabilidade de sua ocorrência no futuro (Baum,



1994/1999; Catania, 1998/1999; Martin & Pear, 2007/2009; Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003).

Vale ressaltar que é só possível afirmar que algo é reforçador se for observado um aumento na probabilidade do comportamento, assim como a punição está para a diminuição (*i.e.*, definição funcional, e não topográfica). Como o objeto de estudo do presente trabalho (um filme) possui limitações de informações sobre a frequência pré e pós-contato com determinados estímulos, e devido à necessidade do presente trabalho de realizar análises, as hipóteses de análise funcional a seguir serão especulações baseadas na forma do estímulo (*i.e.*, topografia) e na história de vida do personagem.

No caso do filme, por mais escasso que fosse, sempre houve um reforço social para Paul cantar, principalmente da mãe e do regente do coral da igreja onde ele cantava música erudita desde criança. O regente do coral dizia que ele tinha uma grande voz e a mãe completava dizendo que era uma voz para cantar ópera. Quando ele era criança e foi parar no hospital por ter desmaiado no coral da igreja por causa de líquido no ouvido esquerdo, a mãe se mostrou preocupada com seu estado de saúde e uma das primeiras coisas que disse ao médico e à enfermeira é que ele teria que ficar bom porque ele era um cantor inato e amava cantar. Isso demonstra o quanto a mãe de Paul o incentivava.

Seu amigo, o gerente da loja de celular onde Paul trabalhava, também era outra pessoa que reforçava seu comportamento de cantar, já que ele incentivava e acreditava no talento de Paul. O filme sugere que esse amigo, além de participar, foi quem fez a inscrição de Paul para o concurso de talentos, que pagaria 300 libras ao ganhador. Esse mesmo amigo o incentivou a continuar a cantar depois que soube que Paul tinha

se saído mal diante de Pavarotti, ele também acreditava que Paul tinha um dom para cantar e que seria um desperdício ele trabalhar com o pai na siderúrgica.

Sua única namorada e atual esposa também foi uma das pessoas que mais lhe incentivaram a continuar cantando, ela o incentivou a participar do concurso anual de talentos de sua cidade, foi a primeira a acreditar que ele iria para escola de música em Veneza e foi a responsável pela inscrição dele no programa *Britain's got talent*. Em síntese, os elogios e incentivos que recebia do regente do coral, da mãe, do amigo, e ex-chefe, e da namorada, e atual esposa, tinha como função reforçar o comportamento de cantar de Paul, aumentando a probabilidade de sua ocorrência futuramente.

É possível supor que o comportamento de cantar foi sendo reforçado por outras pessoas: por colegas de canto, pela professora de Veneza, pelo produtor musical da ópera “Aida” e pelo público que assistia às apresentações. As consequências reforçadoras em longo prazo do comportamento de cantar ópera podem ter sido a possibilidade de se apresentar diante de Luciano Pavarotti, o convite para se apresentar em um programa de televisão, a gravação do seu primeiro álbum, a realização de sua turnê, uma apresentação diante da rainha da Inglaterra, fama, dinheiro e a aquisição de bens materiais. Os reforços positivos, em curto e em longo prazo, que foram acrescentados ao comportamento de cantar possivelmente fizeram com que este fosse selecionado, se refinasse e se mantivesse ao longo da vida de Paul.

No entanto, isso não significa que o comportamento de cantar ópera não tenha sido punido positivamente em alguns momentos: seu pai constantemente o criticava por cantar música erudita, por não seguir as regras que ele estabelecia. Pavarotti, seu herói, disse que ele não era ou seria capaz algum dia de se tornar um grande cantor

de ópera. O afastamento do pai poderia ser entendido como uma punição negativa, o que poderia diminuir a frequência do comportamento de cantar ópera, mas como essa consequência aversiva concorreu com outras consequências reforçadoras, o comportamento de cantar se manteve.

O comportamento de cantar pode também ter sido mantido por reforçamento negativo, supondo que ele tenha experimentado fazer alguma outra atividade em que não tenha se saído bem (ex. trabalhar na fábrica) ou mesmo pela simples possibilidade de se manter afastado do pai e de suas críticas em relação a suas preferências e aparência.

Martin e Pear (2007/2009) afirmam que quem excessivamente pune ou reforça negativamente corre o risco de se tornar um estímulo aversivo condicionado. Ou seja, o pai pode ter se tornado esse estímulo aversivo condicionado. Para evitar maiores críticas e mais humilhações, no contato com o pai e com outras profissões aversivas, os comportamentos de estudar e treinar canto antes das apresentações podem ter sido negativamente reforçados ao longo da trajetória de Paul.

Como já dito anteriormente, para saber se um estímulo é reforçador ou se uma consequência é reforço, é preciso atentar para a relação entre comportamento e consequência e se o comportamento aumenta de frequência posteriormente, já que nem as características físicas nem a natureza do estímulo podem qualificá-lo como tal (Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003). Nas palavras de Paul, o *bullying* das outras crianças tinha função reforçadora para ele continuar cantando, e não um estímulo aversivo como se poderia supor: “Quanto mais *bullying* eu sofria, mais eu cantava”. Ao menos é isso que ele relata durante o filme, mas tudo indica que esse estímulo não era um reforço, mas uma operação estabelecadora que aumentava o valor reforçador do comportamento de cantar. O argumento de Skinner

(1953/2003) de que uma conexão reforçadora nem sempre é óbvia para quem se comporta é pertinente nesse caso, já que para se saber se algo é reforçador ou não, é necessário verificar a frequência da resposta contingente à apresentação e à retirada do possível estímulo reforçador, o que não é possível no caso em questão.

Infere-se, também, que se o *bullying* dos colegas exercesse função reforçadora em relação ao comportamento de cantar, como Paul verbaliza, os efeitos sobre sua “autoestima” seriam diferentes: ele demonstraria mais confiança em relação a sua aparência e a sua capacidade de cantar, e ocorre justamente o contrário. Talvez o comportamento de cantar estivesse sendo mantido por outras consequências reforçadoras, como atenção e elogios disponibilizados por várias pessoas ao longo da vida de Paul, dos quais ele não se deu conta e a questão do *bullying* tenha servido apenas como operação motivadora e não como reforço. Sobre a importância da atenção para a instalação e manutenção de um comportamento no repertório de um indivíduo, Skinner (1953/2003) explica que ela pode ser um reforço condicionado generalizado importante por ser condição necessária para que outros reforços sejam disponibilizados pelas pessoas e que o comportamento perseverante, ou resiliente, do artista é resultado do esquema intermitente de reforço pela busca de aprovação profissional.

Cabe lembrar que, embora Paul tenha sofrido com o *bullying* dos colegas, suposições de que ele deixou de fazer algo porque “tem baixa autoestima” (um erro comum) não explica a maneira como Paul se comporta diante dos desafios. As variáveis das quais o comportamento é função encontram-se no ambiente e não internamente (Catania; 1998/199; Marçal, 2010; Skinner, 1953/2003; Skinner, 1969/1984). A “baixa autoestima” é decorrente de uma história de vida que envolve

poucos reforços sociais, rejeições e desvalorização por parte de pessoas significativas, como os pais, por exemplo.

O *bullying* que ele sofria na escola poderia estar sob controle da variável cultural relacionada à maneira como a sociedade enxerga e lida com quem se encontra fora do padrão estético estabelecido, e ao que cabe a uma criança do sexo masculino fazer em uma determinada idade, em um dado contexto cultural, e que tipos de interesse ela poderia ter. Outra explicação para o *bullying* continuar até a fase adulta de Paul é que o sucesso que ele vai conquistando ao longo da vida cantando música erudita vai se tornando cada vez mais aversivo para seus perseguidores, que reagem com críticas relacionadas à sua aparência e a suas preferências, assim como, com agressões ou tentativas.

O comportamento de cantar de Paul por ser reforçado em alguns ambientes favoreceu sua generalização para os poucos contextos onde ele estava inserido quando ainda era criança: “cantava em casa, na escola, na igreja e no ônibus”, pois ao que tudo indica, ele parecia não ter outros comportamentos que pudessem ser reforçados com a frequência com que o comportamento de cantar costumava ser. Apesar de o comportamento de cantar ter uma função reforçadora na vida de Paul, este parecia não está sob controle discriminativo adequado, isso porque segundo Martin e Pear (2007/2009), qualquer comportamento só tem valor se ocorrer nos momentos e em situações adequadas, no entanto, Paul parecia não estar sensível diante de quem deveria, ou não, apresentar a resposta de cantar e de onde teria maior probabilidade, ou não, de ser reforçado, pois muitas pessoas com quem ele convivia não gostavam de ópera e nem do som de sua voz, mas, ainda sim, ele continuava cantando e sofrendo violências em relação a isso e a sua aparência, e nem por isso,

ele parava de cantar diante dessas pessoas ou diante de determinados locais, muito menos reagia às ofensas.

O reforço, além de aumentar a frequência do comportamento reforçado, tem outros dois efeitos: a diminuição da frequência de outros comportamentos diferentes do comportamento reforçado e a diminuição da variabilidade topográfica da resposta. Ou seja, a forma como o comportamento ocorre vai se tornando cada vez mais parecida à medida que a resposta vai sendo reforçada (Moreira & Medeiros, 2007). Ambos os efeitos são perceptíveis em relação ao comportamento de cantar de Paul. Ao longo do filme, ele foi cantando cada vez mais e melhor e diminuindo a frequência de outras atividades.

O comportamento de cantar ópera desde criança visto topograficamente poderia ser classificado como um comportamento “estranho” e “antissocial” por ele não ser muito próximo dos seus colegas de turma e ter interesses diferentes dos da maioria, mas ao analista do comportamento não cabe esse tipo de juízo de valor, o que interessa para ele é investigar que função aquele comportamento tem na vida do sujeito para que ele se mantenha no repertório do indivíduo e intervenha nas variáveis independentes das quais aquele comportamento é função a fim de modificá-lo, se for o caso, ou desenvolver outros comportamentos funcionalmente semelhantes, mas topograficamente diferentes e que não causem prejuízos sociais ao sujeito.

Em relação à variabilidade comportamental, Fonseca Júnior (2016) lembra que, para uma resposta variar, ela depende da gama de possibilidades comportamentais que o artista tem em um determinado período de tempo. As obras anteriores do artista, sua história de vida e o contexto cultural vigente são variáveis que favorecem

a mudança no trabalho de um artista, embora algumas propriedades semelhantes sejam preservadas ao longo do tempo.

Ao tratar da variabilidade operante, Fonseca Júnior (2016) explicou, também, que no decorrer do desenvolvimento da teoria analítico-comportamental argumentou-se que o reforçamento gerava estereotipia no responder daquele que era exposto a tal procedimento, mas, ao mesmo tempo, apontou que essa argumentação é inadequada por revelar que são as características da contingência, e não o reforçamento, que produzem a repetição. Se a contingência exige variação, ela ocorrerá, caso contrário, haverá apenas repetição do comportamento. Em outros termos, há situações nas quais a variação do comportamento é desejável e valorizada, enquanto em outras, acarreta apenas prejuízos, sendo a repetição a melhor opção. A contingência é que vai delimitar quando o variar/repetir será, ou não, reforçado.

Talvez por isso Paul não precisou variar, pois obtinha toda a atenção de que necessitava através da mãe e conseguia isso apenas cantando. Já o pai nunca o estimulou o suficiente para que ele se engajasse em outras atividades e adquirisse outras habilidades, apenas o criticava e rejeitava.

Um exemplo de uma contingência que favoreceu variar é quando Paul estava participando do programa *British's got talent*. Nessa participação, era necessário surpreender os jurados cantando músicas diferentes, e cada vez melhor, para que ele pudesse passar de fase e chegar à final. Cantar as mesmas músicas, ou da mesma forma, teria como consequência uma desaprovação dos jurados e uma eliminação do programa.

Outro ponto importante sobre comportamento operante que merece uma explicação mais detalhada é sobre comportamento encoberto, de Rose (1997) explica que o músico só adquire a habilidade de cantar para si mesmo depois de aprender a

ler partituras e replicá-las em um instrumento musical ou através de sua voz, demonstrando que o comportamento encoberto é resultado de aprendizagem, assim como os demais operantes. É possível observar esse processo no filme. Paul não aprendeu a cantar ópera simplesmente do nada ou porque tinha um dom, ele precisou passar por uma história de reforçamento ao adquirir conhecimentos básicos para chegar ao ponto de se imaginar cantando uma ópera de olhos fechados, a exemplo do que fez no café da manhã diante do pai.

Outro conceito que guarda relação com o comportamento operante e que merece ser mencionado é o conceito de classe de respostas. de Rose (1997) cita um exemplo de fácil compreensão: o exemplo da classe de respostas de contar piadas, que envolveria tanto contar diferentes piadas quanto contar cada piada particular de modo diferente, sendo que o que define todas essas respostas estarem sob uma mesma classe é a consequência importante em comum que elas produzem: o riso da plateia ou do ouvinte que a escuta (mesmo que isso não ocorra todas as vezes que alguém contar uma piada). O mesmo vale para a classe de respostas de cantar ópera e todas as músicas que compõem essa classe, que é mantida, entre outras consequências, por aplausos, elogios e reconhecimento.

Apesar de a resposta de cantar ser topograficamente semelhante onde quer que ela ocorra, a importância do ambiente na determinação do comportamento é mais complexa do que parece. Um exemplo disso pode ser ilustrado com a viagem que Paul fez à Veneza para aprimorar sua arte. Apesar de a escola de Música em Veneza ser um ambiente novo, onde as pessoas reforçam o comportamento de cantar música erudita, diferentemente da cidade onde ele residia, em contrapartida, é também um ambiente bastante competitivo, podendo ter se tornando um estímulo aversivo para Paul.



Diante disso, ele passa a se comportar na tentativa de evitar críticas e rejeições, mas fracassa na hora da apresentação, cantando sem atingir as notas necessárias e perdendo o fôlego. Em decorrência disso, acaba recebendo a pior crítica que poderia ouvir de Pavarotti, pessoa a quem ele tem a maior estima. Isso conseqüentemente diminuirá temporariamente seu interesse por música e a probabilidade de ele voltar a se expor em novas audições para alcançar a fama e reconhecimento que ele tanto queria.

Como será melhor explicado no próximo capítulo, é natural que, diante de um estímulo aversivo condicionado, aqui representado pela pessoa de Pavarotti, respondentes de “ansiedade” sejam eliciados. Esses respondentes de “ansiedade” podem interagir com comportamentos operantes gerando um fenômeno chamado supressão condicionada (Estes & Skinner, 1941; Neto, Banaco, Borges & Zamignani, 2011). Esse fenômeno impede que o organismo se comporte da forma como normalmente ele se comportaria se não estivesse diante do estímulo condicionado, que sinalizaria que um estímulo aversivo estaria próximo de ser apresentado, tendo como efeito a redução da taxa de respostas operantes. Infere-se que isso possa ter ocorrido com Paul no momento em que se encontrou com Pavarotti. Na tentativa de evitar a dor de uma rejeição, Paul deixou de emitir a resposta de cantar brilhantemente como o fazia na sua ausência, o que, por ironia, levou à rejeição. Talvez esse emparelhamento entre a figura de Pavarotti e possíveis críticas que poderia vir a receber tenha ocorrido porque na história de Paul pessoas competentes se mostravam, por sua vez, muito exigentes em relação às expectativas que tinha em relação ao outro.

Outro fato que merece atenção é quando, em decorrência de um atropelamento, o filme mostra sutilmente que Paul passa a se comportar como se estivesse

“deprimido”, permanecendo a maior parte do tempo deitado e assistindo televisão ao regressar do hospital para casa. Era esperado que durante esse período ele se comportasse daquela maneira, já que havia uma ausência de reforçadores que só lhe eram disponibilizados pelo comportamento de cantar e não havia outras fontes de reforçadores suficientemente disponíveis. Isso significa dizer que esse estado não era decorrente da falta de “vontade” ou de alguma disfunção da “mente” de Paul, mas sim que as razões para ele se encontrar naquele estado estavam na interação entre ele e o ambiente em que vivia.

Diante do que foi explicado nesse capítulo, foi possível averiguar que, ao contrário do que o senso comum imagina, Paul não cantava simplesmente porque tinha um dom, ele cantava porque era reforçado positivamente. Seu comportamento estava sob controle dos três níveis de seleção que determinavam sua ocorrência e permanência no repertório de Paul, além disso, esse comportamento era reforçado intermitentemente, o que o tornava “resiliente” diante das adversidades.

O próximo capítulo tratará sobre comportamento respondente e suas implicações para o entendimento das emoções humanas e sua interação com os comportamentos operantes.

## **Capítulo 2. Comportamento Respondente e suas Implicações sobre o Comportamento de Paul**

Leonardi e Nico (2012) e Moreira e Medeiros (2007) pontuam o quanto é importante para o clínico analítico-comportamental entender como o condicionamento respondente ocorre, mesmo destacando que estas relações de dependência representam apenas uma pequena parte do comportamento humano. No entendimento dos autores, o comportamento respondente é caracterizado por mudanças na instância fisiológica do indivíduo decorrente de mudanças ambientais.

Baum (1994/1999) oferece uma série de exemplos para evidenciar o quanto o condicionamento respondente influencia no comportamento das espécies: situações que precedem o acasalamento induzem excitação sexual, especificamente nos seres humanos, acarretam mudanças no batimento cardíaco, pressão sanguínea e secreção glandular, enquanto situações que precedem perigo induzem uma série de comportamentos agressivos e defensivos a exemplo do rato que leva um choque na presença do outro e resolve por isso atacá-lo. O mesmo ocorre com os seres humanos. Quando alguém sente dor tem maior probabilidade de apresentar comportamentos agressivos em situações semelhantes a situações passadas, onde episódios de dor foram experimentados. Em situações que sinalizam perigo é provável que os membros de uma determinada espécie fujam. Em situações onde, no passado, a dor se mostrou inevitável, outro tipo de reação aos sinais de perigo é a passividade extrema, fenômeno conhecido como desamparo aprendido e comparado especulativamente à depressão clínica em seres humanos.

A compreensão do comportamento respondente é de fundamental importância, pois permite ao terapeuta ter um olhar mais amplo sobre as emoções humanas, e ao

mesmo tempo, poder atuar sobre elas por meio de técnicas disponibilizadas pela Análise do Comportamento. Além disso, é importante lembrar que processos respondentes e operantes ocorrem concomitantemente, interagindo uns com os outros, o que significa dizer que, para que uma intervenção eficaz ocorra, o terapeuta precisa levar em consideração ambos os processos. Como dito no primeiro capítulo, comportamento operante é aquele que tende a diminuir ou aumentar de frequência de acordo com as conseqüências relacionadas à ação do organismo (Baum, 1994/1999).

Já o comportamento respondente se define pelo paradigma S-R, onde S seria um estímulo; e o R, seria a resposta, ou seja, diante de um determinado estímulo, uma resposta é eliciada. O que define o comportamento respondente não é nem o estímulo nem a resposta, mas a relação de dependência entre essas duas variáveis. Os comportamentos respondentes se subdividem em duas formas: resposta incondicionada e condicionada. A resposta incondicionada é caracterizada por uma série de reflexos inatos diante de determinados estímulos incondicionados, enquanto a resposta condicionada passa a ocorrer quando um estímulo neutro é emparelhado ao estímulo incondicionado, tornando-se um estímulo condicionado e, por conseguinte, passando a eliciar uma resposta condicionada. Esse tipo de aprendizagem é chamado de condicionamento respondente, clássico ou pavloviano (Baum, 1994/1999; Catania, 1998/1999; Leonardi & Nico, 2012; Millenson, 1967/1976, Moreira & Medeiros, 2007).

Embora Paul apresentasse respondentes de ansiedade quando se encontrava diante das plateias às quais teve oportunidade de cantar e de o estímulo ópera também ter sido emparelhado com estímulos aversivos, como por exemplo, os xingamentos e agressões dos seus colegas de infância, o fato é que o estímulo ópera também teve uma função reforçadora ao longo da história de reforçamento de Paul, o

que acabou por lhe possibilitar uma série de emparelhamentos agradáveis entre o estímulo ópera, pessoas e contextos relacionados a ele, assim como produziu consequências reforçadoras por cantar ópera que aumentaram a probabilidade dele continuar cantando ao longo da vida. A palavra-chave para esse tipo de explicação é multideterminação do comportamento, isso ocorre quando um mesmo comportamento pode não estar sob controle de apenas um estímulo, mas sim sob variáveis diversas, nesse caso, ao mesmo tempo em que o estímulo ópera pudesse estar emparelhado a estímulos aversivos condicionados, também estava emparelhado com a sensação de bem-estar provocada pelas consequências reforçadoras da ação de cantar e pelos estímulos reforçadores resultantes da ação (de-Farias, Ribeiro, Coelho & Sanabio-Heck, 2014; Marçal, 2010; Skinner, 1953/2003, 1974/1982).

O estímulo ópera, segundo suas próprias palavras, está relacionado com algo prazeroso, com um “mundo dos sonhos”, pois através dela as pessoas podem expressar seus sentimentos e dizer exatamente o que querem dizer (sensação de liberdade). Paul chega a descrever para a namorada a sensação de felicidade toda vez que ouve ou canta uma ópera: “se fechar os olhos e escutar, de repente, está em outro lugar: bonito, empolgante, dramático e real, mais real do que a própria vida pode ser. Só sou feliz quando ouço ou canto ópera”.

O que pode ser entendido dessa fala é que os estímulos sonoros e visuais das letras de ópera eliciam no personagem a sensação de prazer, e uma possível explicação para esse condicionamento está relacionada ao seu histórico de vida. A ópera, que inicialmente era um estímulo neutro, foi também emparelhada com os elogios recebidos, com a interação social, aceitação, liberdade e com a própria figura de sua mãe, pessoa que sempre teve uma boa relação com ele.

Outro exemplo ocorrido na vida de Paul e mostrado no filme caracterizado como comportamento respondente ocorre em relação à figura dos seus agressores, especialmente, Matthew, e a dor das agressões físicas e psicológicas que sofreu ao longo da vida. A presença deles, especialmente a de Matthew, provavelmente, eliciava em Paul respondentes socialmente conhecidos por medo e ansiedade a cada vez que se deparava com eles. Falando um pouco sobre interação respondente-operante, este estímulo eliciava tais respondentes, ao mesmo tempo em que sinalizava agressões físicas e humilhações, tornando o comportamento de fuga e esquiva mais provável de acontecer, porque no passado, na maioria das vezes que agiu desta maneira foi bem-sucedido ao remover tais conseqüências.

Essa interação entre respondente e operante é a explicação oferecida pela Análise do Comportamento para o fenômeno conhecido pelo senso comum, e por algumas abordagens da psicologia, como trauma. Com essa explicação é possível perceber o foco externalista da abordagem, onde a explicação do comportamento humano encontra-se na interação do organismo com o meio.

Embora a regra geral do condicionamento respondente estabeleça que quanto mais frequentemente o estímulo condicionado for emparelhado com o estímulo incondicionado, mais forte a resposta condicionada será, o fato é que, dependendo da situação (ex., história prévia, variáveis motivacionais, intensidade e natureza do estímulo), apenas um emparelhamento já pode ser suficiente para o condicionamento ocorrer (Moreira & Medeiros, 2007).

Um exemplo disso ocorreu quando Matthew tentou roubar o dinheiro que Paul ganhou em um concurso de talentos. Nesse caso, a corrente de bicicleta e o barulho do som que ela emitia eliciaram em Paul respondentes de medo e ansiedade semelhantes aos quais ele sentiu quando foi agredido pela primeira vez dessa

maneira. Bastou apenas um emparelhamento para isso acontecer. Talvez isso tenha ocorrido pela intensidade da dor provocada pelos socos revestidos com a corrente de bicicleta durante esse episódio e pela impossibilidade de reagir diante de tais agressões, uma vez que foi segurado pelos braços por dois membros da gangue de Matthew.

Quando um estímulo previamente neutro é emparelhado a um estímulo condicionado, passando a eliciar a resposta condicionada que anteriormente só o estímulo condicionado eliciava, é possível dizer que houve um condicionamento de ordem superior, representado pelo paradigma estímulo condicionado-estímulo condicionado. Quanto mais alta é a ordem do condicionado, menor é sua força (Moreira & Medeiros, 2007).

Diante disso, é esperado que toda vez que o personagem ouça uma música, se depare com uma partitura, compre ou ganhe um disco, veja pôsteres e reportagens, ou qualquer outro estímulo que envolva ópera, uma sensação de prazer em maior ou menor grau seja eliciada em seu organismo.

Essa hipótese se mostra verdadeira ao longo do filme através de duas cenas ilustrativas: a primeira, ao mostrar o quarto de Paul todo decorado com assuntos relacionados à ópera; e a segunda, quando sua mulher resolve lhe presentear, na noite de núpcias, com uma vitrola antiga e um disco original de Puccini, que continha a gravação original de La Scala, Milão, 1926, deixando-o perplexo e muito agradecido, ao mesmo tempo.

É importante dizer que, após o emparelhamento entre um estímulo e uma resposta, pode acontecer de a resposta condicionada ocorrer diante de outros estímulos fisicamente semelhantes ao estímulo com a qual a resposta foi previamente emparelhada. Esse fenômeno é conhecido como generalização respondente, sendo

que o grau de semelhança entre os estímulos determinará a magnitude da resposta eliciada. Ou seja, quanto mais parecido o estímulo for com o estímulo condicionado, maior será a magnitude da resposta (Baum, 1994/1999; Catania, 1998/1999; Moreira & Medeiros, 2007).

A sensação de prazer provocada pelos mais variados tipos de óperas é um exemplo dessa generalização, uma vez que topograficamente os estímulos são parecidos e eliciam respondentes de prazer e satisfação semelhantes. Esse exemplo não é o único encontrado no filme. Os respondentes de ansiedade que Paul sentiu ao se submeter à avaliação de Pavarotti em Veneza voltaram a ocorrer quando ele esteve diante de novos especialistas no programa *Britain's got talent*. Como as situações são semelhantes, é provável que houvesse uma generalização das respostas de ansiedade em contextos de avaliação de desempenho.

As respostas de ansiedade que Paul apresentou diante de Pavarotti podem estar ligadas ao fato de ele ser avaliado por alguém muito importante e que poderia mudar sua vida. Paul considerava Pavarotti seu herói, reconhecido como uma pessoa bem-sucedida e com uma qualidade técnica e vocal fora do comum. A possibilidade de maior intimidade e o receio de receber críticas podem ter contribuído para que a presença de Pavarotti se tornasse um estímulo aversivo para Paul, eliciando nele respondentes que o impediram de fazer uma boa apresentação na ocasião e que se generalizaram para outras apresentações semelhantes.

A despeito da importância do condicionamento respondente para a compreensão de uma parcela do comportamento humano ligada à emoção, tal princípio não explica toda a complexidade humana. Além do comportamento operante, visto no primeiro capítulo, outras variáveis ambientais que não podem deixar de ser estudadas são as operações motivadoras, pois estas podem aumentar ou diminuir a



probabilidade de o comportamento operante ocorrer e o valor reforçador ou punitivo da consequência decorrente dele, o que será abordado em maiores detalhes no próximo capítulo.

### Capítulo III. Operações Motivadoras

Na psicologia, de forma geral, o termo motivação é usado, entre outras possibilidades, como sinônimo de disposição para a ação, como um qualificante para a ação ou como um estado interno que inicia a ação. Nenhuma das três situações explica de fato porque o comportamento ocorre. Disposição para ação, no máximo, permite saber quais comportamentos são mais prováveis de serem executados por alguém. Como função adverbial não significa que duas coisas estão sendo feitas ao mesmo tempo, mas sim que uma ação está sendo feita de uma determinada maneira. Como substantivo, a motivação é utilizada como *status* causal para a ocorrência de determinados comportamentos do sujeito proporcionando explicações circulares a respeito deles e não chegando à raiz da investigação. O mesmo problema ocorre com palavras como impulso, energia, vontade, etc. (Verneque, Moreira & Hanna, 2009).

Skinner (1974/1982), ao falar das inutilidades das causas internas, menciona que é mais importante saber sobre as contingências de reforço complexas pelas quais toda pessoa passa ao longo da vida, do que se ater a conceitos como mente ou psique, que a princípio podem parecer pertinentes com o que a pessoa sente e observa introspectivamente, mas que não ajudam a esclarecer as verdadeiras “causas” do comportamento. Segundo ele, o nível de privação ou estimulação aversiva é um dos determinantes do comportamento, pois é ele que vai determinar quão reforçador será determinado acontecimento e a probabilidade de a pessoa emitir um comportamento que resulte no tipo de consequência pertinente àquela condição. Para Skinner, é a condição de privação ou estimulação aversiva que guarda relação com o reforço operante. Prazer e dor estão relacionados às consequências, e não aos motivos que levam alguém a agir. A falta aparente de uma causa imediata para o

comportamento operante levou à invenção de um acontecimento iniciante, onde o desejo de agir é, muitas vezes, aceito socialmente, e até por outras abordagens, em detrimento da história de reforçamento do organismo como explicação para um comportamento se manifestar.

Miguel (2000) faz questão de lembrar que o “o não querer fazer algo” pode ser explicado muitas vezes pela falta de reforçamento disponível para que um determinado comportamento ocorra, mas alerta também que o conceito de reforçamento não dá conta de explicar todos os problemas relacionados à motivação e sugere que muitas vezes o problema não está na falta de consequências para o comportamento, mas na ineficácia delas. Para da Cunha e Isidro-Marinho (2005), os analistas do comportamento, ao contrário dos demais profissionais da saúde mental, entendem as variáveis motivacionais como variáveis ambientais.

Na Análise do Comportamento, na maioria das vezes, a “motivação” é entendida em relação a um comportamento e não ao indivíduo como um todo. Além disso, para a Análise do Comportamento todo comportamento, por mais simples que seja, é multideterminado e devem ser investigadas ao menos três coisas para se chegar a uma explicação de sua ocorrência: história de aprendizagem, contingências atuais e motivação, sendo que essa última refere-se a operações ambientais que estabelecem a efetividade de uma contingência e são conhecidas como operações de privação, saciação e estimulação aversiva. A ideia por trás da saciação e privação é mostrar que os estímulos não são permanentemente reforçadores. Privação, saciação e estimulação aversiva interferem na efetividade da consequência. Duas características que definem uma operação motivadora são: o efeito modulador momentâneo do valor da consequência e o efeito evocativo de respostas que foram conseqüenciadas no passado por estímulos que tiveram seu valor alterado. Em síntese, pode-se dizer

que parte da explicação para o comportamento ocorrer encontra-se na “aprendizagem”; e a outra, na “motivação” (Verneque *et al.*, 2009).

Todorov e Moreira (2005) explicam que a pergunta “Por que as pessoas se comportam desta ou daquela maneira?” poderia ser reformulada para “Em que condições as pessoas se comportam desta ou daquela maneira?”, uma vez que a primeira pergunta leva a respostas que não podem ser empiricamente verificadas, enquanto a segunda pode ser utilizada pela ciência e seus métodos de maneira mais eficaz. A segunda pergunta pode ser entendida como sinônimo de “Como?”. Eles defendem que a ciência não estuda causas, mas relações. E por isso o objeto de análise do analista comportamental é relação e não a essência do sujeito. Conceitos como motivação, motivo, impulso e hierarquia de necessidades tiram o foco da busca das relações e das condições antecedentes ao comportamento e induzem à suposição da existência de “essências”. A tarefa do analista comportamental é compreender como os padrões comportamentais das pessoas foram aprendidos, buscando as respostas no ambiente. Às vezes, um organismo visto como preguiçoso está apenas se comportando sob um esquema de reforçamento condizente com o comportamento apresentado. Para Moreira e Medeiros (2007) e Skinner (1953/2003), esquema de reforçamento diz respeito a que critérios uma resposta ou classe de respostas deve atingir para que ocorra o reforçamento. Os comportamentos sob controle de esquema de intervalo fixo apresentam características diferentes de outros sob controle de intervalo variável, da mesma forma que existem diferenças entre os comportamentos sob controle de razão fixa e de razão variável. Se um organismo precisa esperar um determinado tempo para ser reforçado, não há porque se comportar antes do tempo esperado de o reforço acontecer, e isso aconteceu com Paul quando este esteve doente e precisou se recuperar.

Aureliano e Borges (2012) explicaram que o termo operação estabelecadora foi reformulado posteriormente para operação motivadora, que inclui tanto operações estabelecadoras quanto operações abolidoras. As operações estabelecadoras são caracterizadas pelo aumento do valor reforçador do estímulo ou diminuição do valor punitivo do mesmo e aumento da frequência da classe operante; enquanto as operações abolidoras referem-se à diminuição do valor reforçador do estímulo ou aumento do valor punitivo do mesmo, além da diminuição da frequência da classe operante relacionada a esses estímulos.

Todas essas variáveis ajudam a explicar o que socialmente é conhecido como motivação. Dessa maneira, a Análise do Comportamento tem um olhar singular sobre ela, já que não a concebe como uma força interna ou como uma característica da personalidade de uma pessoa, mas sim como mais uma variável que influenciará a apresentação ou não de um determinado comportamento. No caso de Paul, a privação social e afetiva provavelmente foi um dos fatores que contribuíram para que o comportamento de cantar fosse aprendido e se mantivesse ao longo da vida dele, pois, devido a essa privação, o valor reforçador da atenção, carinho, afeto e elogios recebidos no passado, quando esse comportamento foi apresentado, tiveram seu valor reforçador alterado posteriormente e contribuíram para que esse comportamento se mantivesse no repertório de Paul.

A humilhação que sentiu diante da crítica de Luciano Pavarotti e o histórico de doenças e acidentes contribuíram para que Paul pensasse em desistir e parasse de cantar momentaneamente. A privação financeira, contas a pagar e o fato de trabalhar em um lugar onde não queria foram variáveis que contribuíram para que ele se inscrevesse no programa *Britain's got talent* e voltasse a cantar, conquistando fama, dinheiro e bens materiais.

A privação afetivo-sexual aumentou o valor reforçador de ter uma namorada e evocou uma classe de respostas que produziu esse tipo de consequência. Respostas como trocar mensagens com uma garota, marcar um encontro, apresentá-la aos pais, falar de suas preferências e demonstrar interesse pela preferência do outro são respostas com uma probabilidade maior de serem emitidas diante dessa condição.

A aparência de Paul, por estar fora dos padrões estético-culturais da época, e o histórico de rejeição e críticas que sofreu por parte do pai e dos colegas de escola pode ter contribuído para que Paul evitasse se expor e temesse futuras rejeições. É possível supor um histórico de ausência de reforçamento em ir a um primeiro encontro ou possíveis punições ao fazê-lo, devido a sua aparência. Talvez por isso, tenha protelado, o quanto pode, o encontro com Julz (sua namorada virtual) e pensava em desistir antes de cada apresentação que fazia. O histórico de agressões físicas e verbais sofridos por Paul pode ter contribuído para que ele evitasse contato social e tivesse poucos amigos na maior parte de sua vida, mas o fato de se engajar em outros contextos foi modificando essa condição.

O fato de Paul, por um breve momento, ter ido trabalhar na metalúrgica, algo que ele não queria, e o fato dele está se sentido frustrado diante das fortes críticas feitas por Pavarotti sobre algo que gostava muito de fazer (cantar ópera) aumentaram a probabilidade dele confrontar o pai quando este o criticou por ele ter se acomodado diante das críticas feitas por Pavarotti.

Como foi possível perceber, o conceito de motivação, na Análise do Comportamento, guarda estreita relação com o valor da consequência diante de uma determinada condição. Isso significa que a “motivação” pode ser traduzida em eventos ambientais que aumentam ou diminuem a probabilidade de certos comportamentos serem emitidos, obtendo-se certo tipo de consequência.

Exposto mais uma variável que contribui na determinação do comportamento, o próximo capítulo falará sobre comportamentos governados por regras e pelas contingências, mostrando como isso se aplica no filme em questão.

## Capítulo IV. Comportamento Governado por Regras

Baum (1994/1999) e Skinner (1974/1982) definem comportamento governado por regras como aquele que está sob controle de um estímulo discriminativo verbal, ou seja, depende de outra pessoa (ouvinte) para acontecer. Vale salientar que a pessoa pode exercer função de ouvinte dela mesma, ainda sim, configurando-se um comportamento verbal. Uma regra é um estímulo discriminativo verbal que descreve uma contingência, podendo também alterar a função reforçadora de um estímulo. Sendo assim, conselhos, ordens, instruções e sugestões são classificados como regras. A aquisição do comportamento de seguir regras pode ser explicado através de conceitos da Análise do Comportamento como reforço e controle de estímulo, ou seja, mesmo o comportamento de seguir regra também é modelado pelas contingências. Os comportamentos diretamente modelados pelas contingências são aqueles mantidos pelas contingências de reforço e punição, e dependem apenas da interação com a própria contingência.

Skinner (1969/1984) afirma que as contingências reais (consequências diretas do comportamento) têm pouco efeito sobre os comportamentos governados por regras, ou seja, um comportamento que está sob controle de regra pode deixar a pessoa mais suscetível a não discriminar quais contingências estão em vigor e se aquela regra ainda é pertinente ou não de ser seguida. Porém, o autor faz questão de ressaltar que o uso de regras pode ser eficaz para manter alguém se comportando de uma determinada maneira quando as consequências são ineficazes ou muito atrasadas. Um comportamento sob controle de regra e um comportamento modelado pelas contingências podem até ser semelhantes topograficamente, mas estarão sob controle de variáveis diferentes. Nesse tópico, Zettle e Hayes (1982, citado por Paracampo &



Albuquerque, 2005) enriquecem a discussão afirmando que o seguimento de regras pode estar sob controle de duas fontes de variáveis distintas: uma, relacionada às consequências sociais por seguir a regra (aprovação ou reprovação social); e a outra, pela história de correspondência entre o que está sendo descrito pela regra e o contato com as contingências relacionadas ao comportamento especificado na regra. Para a primeira hipótese, eles cunharam o nome de *Pliance* (aquiescência); para a segunda, de *Tracking* (rastreamento). A regra, no primeiro caso, pode também ser chamada de *ply*; e no segundo, de *track*.

Skinner (1969/1984) explica que regras são criadas porque a comunidade verbal estimula as pessoas a dizerem o que fazem e por que o fazem, a descreverem seu comportamento passado, atual e futuro e a partir disso descobrir as variáveis das quais os três comportamentos são função, fazendo muitas vezes com que a própria pessoa formule uma autorregra, por exemplo.

Catania (1998/1999) menciona que seguir regras pode tornar os comportamentos das pessoas mais suscetíveis ao controle verbal de figuras autoritárias, assim como, torná-los mais insensíveis às contingências que estão em vigor. Segundo ele, quando se ensina alguém por meio de instruções, reduz-se a probabilidade de que essa pessoa aprenda através das consequências do seu próprio comportamento, o que gera um dilema permanente em quem pretende transmitir um conhecimento: fica-se entre os efeitos imediatos e a conveniência das instruções verbais e os efeitos em longo prazo sobre a sensibilidade do aprendiz às consequências do comportamento.

Para Baum (1994/1999), o comportamento governado por regras sempre está sob controle de dois tipos de contingências: a contingência próxima e a contingência última. A contingência próxima ocorre quando um ouvinte acata uma ordem, pedido ou instrução e o falante fornece aprovação ou reforçadores simbólicos como

dinheiro, por exemplo, ou retira uma estimulação aversiva, como uma ameaça. A contingência última é a razão de ser da contingência próxima, porque embora a contingência próxima pareça trivial e arbitrária, ela guarda uma relação entre comportamento e consequência, que assegurará a preservação da saúde, sobrevivência e bem-estar dos descendentes e da família a longo prazo.

Veiga e Leonardi (2012) afirmam que, por meio de regra, é possível aprender um novo comportamento sem precisar passar pelas consequências diretas. Com a aplicação de uma regra para ensinar uma nova resposta, economiza-se tempo, evita-se possíveis danos da exposição direta às contingências e aprende-se ou mantém-se comportamentos cujas consequências são atrasadas ou opostas às consequências imediatas. A regra pode descrever integralmente uma contingência, ou parte dela, nesse caso, explicitará apenas a resposta, a resposta e a situação na qual ela deve ser emitida ou a resposta e sua consequência etc. Ainda assim, é possível acelerar a aquisição de comportamentos ou facilitar o aparecimento de comportamentos que deixaram de ser emitidos.

Ainda segundo Veiga e Leonardi (2012), não basta simplesmente a regra existir para se tornar um estímulo discriminativo, é necessário uma história de reforçamento que a estabeleça como estímulo antecedente. Para isso, o comportamento de seguir o que está descrito na regra pode ser reforçado de duas maneiras: pela mudança ambiental produzida diretamente pela resposta de seguir a regra ou pela reação do indivíduo que a emitiu. Eles descrevem quatro variáveis envolvidas no responder sob controle de regras: (1) história de correspondência entre o que a regra descreve e os eventos do ambiente a que ela se refere; (2) a presença de variáveis sociais (ser ou não aprovado pelos membros da comunidade verbal); (3) ganhos e perdas envolvidos quando uma pessoa segue ou deixa de seguir uma regra; e (4) a relação que o

responder sob controle de regras tem com os eventos antecedentes. Em outros termos, a influência que o falante tem sobre o ouvinte no momento em que a regra é apresentada e a função de estímulo que a regra exerce. Entre as possibilidades estão: função discriminativa, função alteradora da função de estímulos e função motivadora.

No filme, uma autorregra que parece ter função motivadora é aquela apresentada pela namorada de Paul quando diz “Quem não arrisca, não petisca”. Essa descrição parece explicar o fato de ela se engajar em um novo relacionamento afetivo com Paul, pois, ao relatar sua frustração com o ex-namorado, que a traiu com sua melhor amiga e a culpou por estar acima do peso, ela chega a dizer que “seria ótimo arriscar em algo que vale a pena, pra variar!”.

Uma possível regra foi apresentada pelo pai de Paul ao afirmar que ele poderia arrumar um emprego na metalúrgica, alugar um apartamento e aproveitar os benefícios do sindicato. Na avaliação do pai de Paul, empregos como esse são difíceis de arrumar, por isso, em sua opinião, o filho deveria garantir a oportunidade de ter um trabalho fixo, ao invés de se arriscar em algo duvidoso, como uma carreira artística. Quando Paul fracassa diante de Pavarotti, ele chega a trabalhar na metalúrgica, mas não se adapta. Quando Paul diz que estava querendo desistir de trabalhar na metalúrgica, o pai, para mostrar sua desaprovação, transmite outra regra: “trabalhe duro, coloque dinheiro no bolso, beba cerveja e, uma ou duas vezes por semana, faça amor”. Apesar da regra ofertada para que Paul desistisse de fazer o que lhe dava prazer e se conformasse com uma vida mais modesta, o comportamento de cantar ópera possivelmente estava sob controle das contingências e fez com que ele se mantivesse cantando apesar das dificuldades que passou até atingir a fama e o sucesso. Como o pai tinha pouca influência sobre o comportamento do filho, talvez

essa tenha sido uma das variáveis que contribuíram para que a regra não fosse seguida também.

Medeiros (2010) destaca que a regra tem maior probabilidade de ser seguida se a regra apresentada corresponder a algo que a pessoa já gostaria de fazer. E que muitas vezes concordar com algo que alguém diz não significa que a pessoa irá pôr em prática posteriormente. O autor afirma, assim como Skinner (1969/1984) e Catania (1998/1999), que alguns comportamentos mais habilidosos (como cantar) só se aprende fazendo, pois as instruções, por melhores que sejam, não conseguem substituir a sutileza de um contato direto com as contingências.

Paracampo e Albuquerque (2005) explicam a diferença entre ordem e conselho. Uma regra é classificada como uma ordem quando as consequências aversivas são programadas pelo próprio falante, no caso de a ordem não ser seguida pelo ouvinte. Já no conselho, as consequências reforçadoras (reforço positivo ou negativo) não são organizadas pelo falante que apresentou a regra. No primeiro caso, a regra poderá ser seguida dado que no passado o seguimento de uma ordem similar evitou uma punição social; enquanto no segundo caso, o seguimento de uma regra similar foi reforçada no passado.

O ex-chefe de Paul, da loja de celulares onde ele trabalhava antes da fama, aconselhou Paul a parar de trabalhar com o pai na metalúrgica porque ele “nasceu para cantar”, afirmando que seria um desperdício ele continuar trabalhando lá. O ex-chefe também afirmou que ele não deveria desistir de cantar só porque “travou” diante de Pavarotti, pois “todo mundo trava às vezes e que isso não era o fim do mundo”. Depois dessa conversa, Paul aceita o conselho do amigo e volta a trabalhar como vendedor na loja de celular e aceita um convite para participar de uma produção chamada Aída. Infere-se com isso que o conselho foi seguido porque a

probabilidade de uma regra ser seguida é maior quando isso já era algo que a pessoa gostaria de fazer, o que parece ser o caso de Paul (Medeiros, 2010).

A regra estabelecida por Pavarotti, de que para ser um bom cantor Paul precisaria “ter a ousadia de um ladrão para conquistar o coração do público” e que “naquele momento ele não era, e talvez nunca fosse se tornar um cantor de ópera de verdade”, pode ter contribuído para que Paul procurasse se esquivar da apresentação no programa de televisão por temer novas críticas como essa. Porém, Julz (sua agora esposa) pareceu discriminar a insensibilidade às contingências provocadas por esta regra, quando afirma para ele que isso aconteceu anos atrás e que era hora de superar isso. O comportamento de cantar ópera diante das câmeras de televisão parece ter ficado sob controle da mensagem que a esposa mandou momentos antes da apresentação no *backstage*: “Quem não arrisca, não petisca. PS: Pavarotti é um imbecil, com amor, Cameron Julz”. Essa mensagem pode ser interpretada da seguinte maneira: se esforce para obter sucesso, e esqueça o que Pavarotti disse. A regra se mostrou eficaz, pois Paul saiu aplaudido e elogiado da apresentação, conquistando a aprovação dos jurados e da plateia.

Depois de descrever algumas das variáveis que mantêm o comportamento sob controle de uma regra, o próximo capítulo discutirá como Paul passou a emitir padrões de fuga e esquiva ao longo da vida. Propõe-se fazer uma análise molar dos comportamentos constituintes dessas classes de respostas através do modelo da Terapia Molar e de Autoconhecimento.

## Capítulo V: Terapia Molar e de Autoconhecimento

Marçal (2005a), partindo de sua experiência clínica, desenvolveu um raciocínio molar que amplia ou diverge em alguns pontos da Terapia Comportamental Tradicional. Esse modelo ficou conhecido como Terapia Molar e de Autoconhecimento. O autor propõe que, para minimizar as divergências encontradas entre os terapeutas comportamentais na hora de definir os objetivos terapêuticos, procure-se por temas gerais relacionados às condições aversivas presentes na vida do cliente, identifiquem-se padrões comportamentais (*i.e.*, comportamentos que ocorrem em mais de um contexto). O autor também sugere que o analista do comportamento investigue os contextos históricos que favoreceram o desenvolvimento destes padrões e identifique os efeitos que as contingências trazem para a vida do cliente (a curto e a longo prazo), em que situações esses comportamentos são efetivos e em quais são prejudiciais, quais reforçadores são acrescentados e quais são removidos. Por fim, recomenda-se que o psicoterapeuta faça uma análise das variáveis motivacionais para a aprendizagem de novos comportamentos. Com isso, além de estabelecer maior grau de objetividade para se estabelecer os objetivos terapêuticos de um cliente também se promove autoconhecimento, o que acaba sendo a principal ferramenta de intervenção desse modelo.

Marçal (2005a) aponta que o enfoque sobre os padrões comportamentais do cliente exige uma análise molar das contingências e investigação sobre em quais contextos históricos eles se desenvolveram, partindo do princípio behaviorista radical de que a forma como alguém se comporta atualmente está relacionada à sua história de vida. Relações familiares, sociais, conjugais, vida acadêmica e

profissionais devem ser investigadas, já que quanto mais tempo uma pessoa passa em um contexto, mais este influenciará em seu comportamento.

Embora o autoconhecimento promovido por uma análise molar seja uma ferramenta importante para que o cliente saiba por que se comporta da maneira como se comporta, isso não significa que seja suficiente para que ele desenvolva o que normalmente é estabelecido como objetivo terapêutico. Para isso, muitas vezes, é preciso que o terapeuta auxilie o cliente a se inserir em contextos nos quais não está acostumado, visando ao desenvolvimento de repertórios mais adaptativos e regras mais efetivas às contingências atuais (Marçal, 2005b).

Utilizando o filme, como exemplo didático, para ilustrar como a Terapia Molar e de Autoconhecimento poderia interpretar os padrões de fuga/esquiva e “resiliente” de Paul, os seguintes aspectos históricos da vida de Paul não poderiam ser negligenciados.

### **Histórico Social**

Baseado no filme, infere-se que Paul tinha poucos amigos durante a infância. Frequentava poucos contextos sociais onde podia se relacionar com novas pessoas, ficando restrito à escola, casa e ensaios no coral. Sofria perseguições constantes de alguns de seus colegas de turma pela sua aparência e por suas preferências musicais. Tinha sua mãe como maior incentivadora e cúmplice, e era desprezado pelo pai pelos mesmos motivos dos colegas que o perseguiram. Só quando adulto é que conseguiu fazer amigos no meio musical (Companhia de Ópera onde ensaiou a peça Aida).

### **Histórico Afetivo**

Diante do conteúdo apresentado pelo filme, infere-se que Paul, até a fase adulta, não namorou porque não costumava interagir presencialmente com mulheres. Ele

conheceu sua atual esposa virtualmente (mentiu sobre sua aparência para impressioná-la). Ela foi sua primeira namorada e foi com ela que teve sua primeira relação sexual. O amigo e ex-chefe da loja de celulares foi quem marcou o encontro (a contragosto de Paul) para que eles se encontrassem.

### **Histórico Acadêmico e/ou profissional**

O filme não mostra o grau de formação acadêmica de Paul, mas mostrou que ele trabalhou em uma loja de vendas de celulares e era um bom vendedor (chegando a se tornar gerente da mesma). O filme também apresentou que, por um período curto, trabalhou na siderúrgica onde o pai trabalhava, mas não havia reforçadores suficientes que o mantivessem nesse trabalho. Fez um curso de música na escola de Veneza, onde Pavarotti fazia parte do conselho de ópera. Ao final do curso, Paul teve oportunidade de se apresentar diante dele, mas não se saiu bem, o que contribuiu para que ele parasse de cantar temporariamente.

### **Histórico Médico/Psicológico**

Quando criança, ele foi parar no hospital por ter desmaiado no coral da igreja por causa de líquido no ouvido esquerdo. Quando adulto, operou o apêndice, às vésperas de sua apresentação na peça Aida. Contrariando a solicitação feita pelo médico de guardar repouso, resolveu cantar e na hora da apresentação os pontos abriram. Chegando ao hospital, estancaram o sangramento, mas descobriram um tumor na tireoide, o qual o impediu de cantar por seis meses. Quando recuperou a voz a ponto de voltar a atingir as notas que costumava alcançar antes da descoberta do tumor, se envolveu em um acidente enquanto andava de bicicleta, sendo atropelado por um carro que passava próxima a sua residência. Nesse acidente, quebrou a clavícula,



quatro costelas e deslocou a pélvis, o que o deixou paralisado por alguns meses e longe da música por mais de 18 meses.

Para maiores detalhes a respeito dos padrões comportamentais mencionados e de suas respectivas análises molares, ver tabela em anexo.

Como foi possível perceber, o filme, baseado na história real de Paul, inicialmente focou no padrão comportamental de Fuga/Esquiva do personagem principal e, ao longo do filme, o padrão “resiliente” foi ganhando destaque. Com isso o filme conseguiu mostrar que padrões comportamentais não surgem de uma hora para outra, mas são modelados ao longo de contingências históricas relacionadas à vida de uma pessoa (Marçal, 2005a; 2005b; 2010). Esses padrões são caracterizados por comportamentos funcionalmente semelhantes, que ao longo do tempo trouxeram ou trarão consequências favoráveis, ou evitaram ou evitarão situações aversivas, e que por isso podem ser considerados funcionais em algum momento; mas também trouxeram ou podem trazer consequências desfavoráveis que, de alguma forma, causaram ou podem causar prejuízos a Paul no futuro, tornando-se “disfuncionais”.

Se Paul fosse cliente de psicoterapia analítica comportamental, sob a perspectiva da Terapia Molar e de Autoconhecimento, essas variáveis históricas que controlam seu comportamento deveriam ser apontadas. Esperar-se-ia facilitar a discriminação das variáveis históricas e dos contextos facilitadores dos padrões comportamentais coerentes e contraproducentes aos seus objetivos clínicos. Seria necessário auxiliá-lo a procurar também outros contextos menos competitivos e mais lúdicos, onde a aparência, o talento, o desempenho e a competência não fossem tão importantes e o erro não trouxesse consequências tão aversivas para que ele pudesse incluir em seu repertório outros comportamentos e ter maior sensação de relaxamento. Com isso, esperar-se-ia ajudá-lo ainda mais a desenvolver habilidades sociais ainda em déficit,

como interação social e exploração de outras atividades que eventualmente pudessem lhe gerar tanto prazer quanto cantar ópera, e a diminuir a frequência de fugas e esquivas, assim como, tolerar um pouco mais a sensação de desconforto diante de novos desafios e possíveis frustrações, já que em situações menos competitivas, o erro e o imprevisto ocorreriam com certa frequência e possibilitariam a ele entrar em contato com esse tipo de situação, de modo que ele pudesse aprender novas habilidades e com isso aumentasse a probabilidade de uma possível generalização para situações mais complexas da vida pessoal e profissional.

O casamento com sua atual esposa, os novos contextos profissionais que estavam se abrindo depois da fama, a relação de maior proximidade com o pai e os contextos mais reforçadores e menos aversivos aos quais ele vinha entrando em contato após o programa de televisão deveria ser bem explorados para reforçar cada vez mais o padrão “resiliente” de Paul. O importante seria questioná-lo sobre as consequências de permanecer nesses novos contextos (criar operação estabelecadora para a discriminação de reforçadores presentes, aumentando o controle destes sob o comportamento). Por fim, esperar-se-ia que tais contextos facilitassem que repertórios mais adaptativos às contingências atuais fossem modelados, novas operações estabelecadoras surgissem e novos estímulos fossem condicionados (Aureliano & Borges, 2012; de-Farias, 2010; Leonardi & Nico, 2012, Medeiros, 2010; Skinner, 1981).

## Considerações Finais

Com a ajuda do filme foi possível mostrar ao leitor como a Análise do Comportamento explica a presença de alguns comportamentos de Paul ao longo de sua trajetória pessoal e como ocorre a interação entre respondes e operantes em alguns trechos do filme. Foi possível encontrar explicações que não atribuem à mente a origem dos “problemas” com os quais o personagem principal vinha se confrontando recentemente, ao invés disso, as respostas encontradas provinham da interação do organismo com o meio onde ele estava inserido.

Utilizando o exemplo de Paul foi possível revelar o papel que o ambiente tem sobre a determinação de seus comportamentos. Através desse exercício de análise, foi possível demonstrar ao leitor que a Análise do Comportamento é uma abordagem capaz de explicar, prever, controlar e modificar qualquer comportamento em questão (Chiesa, 1994/2006; Skinner, 1953/2003).

Infere-se que, mesmo sofrendo *bullying* por ter um gosto musical distinto da maioria dos garotos do ambiente social onde ele estava inserido e de o estímulo ópera também ter sido emparelhado a pessoas e situações aversivas, isso não o impediu de continuar sentindo prazer ao cantar, talvez porque cantar ópera estivesse emparelhado com a liberdade de poder se expressar e a figuras significativas ao longo de sua vida. Ele chega a expressar que só é “feliz” quando ouve ou canta ópera. Pode-se supor que ópera, ao longo da vida do personagem, passou a ser emparelhada com elogios, interação social, aceitação por um grupo social e com a própria figura da mãe, que sempre o apoiou em sua trajetória musical.

Em relação ao comportamento operante foi possível apresentar o quanto a análise funcional é uma ferramenta imprescindível ao trabalho do clínico, pois com a ajuda

dela é possível esclarecer a função de um determinado comportamento na vida de um cliente e intervir em uma mudança de comportamento, se for o caso. No caso em questão, a análise funcional realizada por este autor em relação ao comportamento de cantar encontrou no reforço da mãe, do regente do coral, da atual esposa e do seu antigo chefe, entre outros, disponibilizados através da atenção e de elogios, estímulos para que Paul continuasse cantando.

O *bullying* sofrido ao longo da vida, ao contrário do que ele supunha, talvez tenha servido como operação motivadora e não como reforço para que ele continuasse cantando. Além disso, a privação social e afetiva, provavelmente, também contribuíram para que ele se mantivesse engajado nesse tipo de atividade, uma vez que era da admiração que provocava nos outros com seu canto que provinham suas principais fontes de reforçadores.

Com o exercício de análise foi possível verificar que por mais que o pai de Paul tentasse desestimular o filho a continuar cantando através da apresentação de regras, as tentativas foram mal-sucedidas, evidenciando a função das contingências de reforço sobre esse comportamento ao longo da vida de Paul. Como foi visto no capítulo referente ao controle do comportamento governado por regras, em alguns momentos, as regras apresentadas pela namorada, pela mãe e pelo seu ex-chefe em momentos decisivos da vida de Paul foram determinantes para que ele voltasse a cantar ou arriscasse um pouco mais, ao invés de se esquivar ou fugir de possíveis críticas ou humilhações, o que contribuiu, no primeiro momento, para que ele enfrentasse seus medos e obtivesse resultados diferentes do que supunha alcançar, passando a receber elogios, conquistando a fama, dinheiro e bens materiais.

Em relação aos padrões comportamentais de Paul, o padrão fuga e esquivo parecia ser o mais presente até certo momento de sua vida e parecia ocorrer nos

relacionamentos pessoais, nos relacionamentos afetivo-sexuais e diante dos desafios profissionais, mas ao entrar na fase adulta e persistir na busca pelo que queria, com o incentivo de pessoas que eram importantes para ele, outro padrão comportamental passa a ser proeminente: o padrão “resiliente”.

Diante disso, caso ele viesse à clínica à procura de auxílio, o papel do terapeuta, sob o enfoque da Terapia Molar e de Autoconhecimento, deveria ser o de facilitador na discriminação de estímulos, através de perguntas que explorassem melhor os contextos históricos que favoreceram o desenvolvimento destes padrões e identificasse os efeitos que os comportamentos trazem para a vida dele (a curto e a longo prazo), em que situações esses comportamentos são efetivos e em quais são prejudiciais. O terapeuta precisaria auxiliá-lo a se expor (e se manter exposto) em contextos diferentes do habitual e que fosse pertinentes a sua evolução clínica até que novas consequências, emparelhamentos e regras surgissem.

Embora, sob o ponto de vista do autor, o objetivo do presente trabalho tenha sido alcançado, isso não significa que não houve dificuldades para sua confecção. Entre as dificuldades está a falta de informações adicionais a respeito de alguns aspectos da vida do personagem, como, por exemplo, mais informações sobre a vida acadêmica e afetivo-sexual de Paul e de sua relação com seus pais e amigos de escola durante a infância e adolescência.

Como o recurso disponibilizado para extrair as informações de Paul era um filme, seu recorte nem sempre favoreceu as análises do autor, ficando sempre no campo das hipóteses e sem possibilidade de comprovação ou reformulação. Isso não significa que a análise do filme não possa ser utilizada como um recurso terapêutico no processo de clientes com demandas semelhantes às do protagonista do filme ou como meio de divulgação dos princípios da Análise do Comportamento para a

população em geral. Baseado nisso, inclusive, sugere-se que novas pesquisas, sob esse formato, sejam realizadas com o objetivo de aproximar o público leitor ao mundo da Análise do Comportamento e, ao mesmo tempo, possa contribuir para abastecer a literatura científica sobre a forma como o clínico analítico-comportamental atua em sua prática. Resumindo, o propósito do trabalho foi mostrar como a Análise do Comportamento lida com os eventos privados, como tem uma visão singular sobre o termo motivação e o quanto as conseqüências têm o poder de manter um comportamento no repertório de uma pessoa. Ajudou a explicar, de forma prática, a diferença entre regra e contingência e a demonstrar o padrão de fuga/esquiva e “resiliente” de Paul construído ao longo de sua vida.

## Referências

- Assunção, A. B. M & Vandenberghe, L. (2010). Rupturas no relacionamento terapêutico. Em A. K. C. R. de Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 215-230). Porto Alegre: Artmed.
- Aureliano, L. F. G. & Borges, N. B. (2012). Operações motivadoras. Em N. B. Borges & F. A. Cassas (Orgs.), *Clínica Analítico-comportamental: Aspectos teóricos e práticos* (pp. 32-39). Porto Alegre: Artmed.
- Baum, W. M. (1994/1999). *Compreender o Behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura* (M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari, & E. Z. Tourinho, trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Boavista, R. R. C. (2012). *Terapia de Aceitação e Compromisso: mais uma possibilidade para a clínica comportamental*. Santo André: ESEtec
- Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Revista Paidéia*, 21 (49), 263-271.
- Câmara, G. (2011). O trauma, a fantasia e o Édipo. *Cogito*, 12, p. 57-61. Recuperado em 29 de março de 2017, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttex&pid=S1519-94792011000100011&Ing=pt&tIng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S1519-94792011000100011&Ing=pt&tIng=pt).
- Catania, A. C. (1998/1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (D. G. Souza, trad. Coord.). Porto Alegre: Artmed.
- Chiesa, M. (1994/2006). *Behaviorismo Radical: A filosofia e a ciência* (C. E. Cameschi, trad.). Brasília: IBAC Editora & Editora Celeiro.

- da Cunha, R. N., & Isidro-Marinho, G. (2005). Operações estabelecedoras: Um conceito de motivação. Em J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 175-187). Porto Alegre: Artmed.
- de-Farias, A. K. C. R. (2010). Por que “Análise Comportamental Clínica? Uma introdução ao livro. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 14-22). Porto Alegre: Artmed
- de-Farias, A. K. C. R. & Ribeiro, M. R. (2014). Prefácio da primeira edição. Em A. K. C. R. de-Farias & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Skinner vai ao cinema*, Vol. 1, 2ª ed (pp. vi e vii). Brasília: Instituto Walden4.
- de-Farias, A. K. C. R., Ribeiro, M. R., Coelho, C. & Sanabio-Heck. (2014). Laranja Mecânica: Uma Análise Behaviorista Radical. Em A. K. C. R. de-Farias & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Skinner vai ao cinema*. Vol. 1, 2ª ed (pp. 24-44). Brasília: Instituto Walden4.
- de Rose, J. C. C. (1997). O que é comportamento? Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (pp. 79-81). Santo André: ARBytes.
- Estes, W. K. & Skinner, B. F. (1941). Some quantitative properties of anxiety. *Journal of Experimental Psychology*, 29, 390-400.
- Fonseca Júnior, A. R. (2016). *Introdução ao conceito de variabilidade comportamental*. Retirado no dia 04/10/2016, do site <http://www.comportese.com/?s=variabilidade+compo>
- Kohlenberg, R. J. & Tsai, M. (1991/2001). *Psicoterapia Analítica Funcional: Criando relações terapêuticas e curativas* (F. Conte, M. Delitti, M. Z. da S.



- Brandão, P. R. Derdyk, R. R. Kerbauy, R. C. Wielenska, R. A. Banaco & R. Starling, trads.). Santo André: ESETec.
- Leonardi, J. L., & Nico, Y. (2012). Comportamento respondente. Em N. B. Borges, & Y. Nico (Orgs.), *Clínica analítico-comportamental: aspectos teóricos e práticos* (pp. 18-23). Porto Alegre: Artmed.
- Lucena-Santos, P., Pinto-Gouveia, J., & Oliveira, M. da S. (2015). Primeira, segunda e terceira geração de terapias comportamentais. Em P. Lucena-Santos, J. Pinto-Gouveia, & M. da S. Oliveira (Orgs.), *Terapias comportamentais de terceira geração: Guia para profissionais* (pp. 28-58). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Marçal, J. V. S. (2005a). Estabelecendo objetos na prática clínica: Quais caminhos seguir? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, II*, 231-245.
- Marçal, J. V. S (2005b). Refazendo a história de vida: Quando as contingências passadas sinalizam a forma de intervenção atual. Em H. J. Guillard & N. C. Aguirre (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 15. Expondo a variabilidade* (pp.258-273). Santo André: ESETec.
- Marçal, J. V. S. (2010). Behaviorismo Radical e prática clínica. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp.30-48). Porto Alegre: Artmed.
- Martin, G., & Pear, J. (2007/2009). Modificação de comportamento: o que é e como fazer (N. C. Aguirre, Org. Trad.). São Paulo: Roca.
- Matos, M. A. (1997). Com o que o Behaviorismo Radical trabalha? Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (pp. 45-53). Santo André: ARBytes.

- Medeiros, C. A. (2010). Comportamento governado por regras na clínica comportamental. Em A. K. C. R. de-Farias (Orgs.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 95-111). Porto Alegre: Artmed.
- Miguel, C. F. (2000). O conceito de operação estabelecadora na análise do comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 259-267.
- Millenson, J. R. (1967/1976). *Princípios de Análise do Comportamento* (A. A. Souza & D. Rezende, trads.). Brasília: Coordenada.
- Moreira, M. B. (2014). “Curtindo a vida adoidado”: Personalidade e causalidade no Behaviorismo Radical. Em A. K. C. R. de-Farias & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Skinner vai ao cinema*. Vol. 1, 2ª ed (pp. 01-23). Brasília: Instituto Walden4.
- Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. de (2007). *Princípios básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Neto, D. M. R., Banaco, R. A., Borges, N. B., & Zamignani, D. R. (2011). Supressão condicionada: um modelo experimental para o estudo da ansiedade. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2 (1), 5-20. Recuperado em 12 de outubro de 2016, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-35482011000100002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482011000100002&lng=pt&tlng=pt).
- Paracampo, C. C. P & Albuquerque, L. C. (2005). Comportamento controlado por regras: Revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. *Interação em Psicologia*, 9 (2), 227-237.
- Skinner, B. F. (1953/2003). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1969/1984). *Contingências de reforço* (R. Moreno, trad.). São Paulo: Abril Cultural.

- Skinner, B. F. (1974/1982). *Sobre o Behaviorismo* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213, 501-504.
- Skinner, B. F. (1983). *O mito da liberdade* (trad.). São Paulo: Summus.
- Todorov, J. C. & Moreira, M. B. (2005). O Conceito de Motivação na psicologia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, III (1), 119-132.
- Todorov, J. C (2007). A psicologia como o estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 57-61.
- Vandenberghe, L. (2001). As principais correntes dentro da terapia comportamental – uma taxonomia. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. Madi, P. P. Queiroz, M. C. Scoz & C. Amorim (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Vol 7. Expondo a Variabilidade*, (pp. 154-161). Santo André: ESETec.
- Veiga, D. I & Leonardi, J. L. (2012). Considerações conceituais sobre o controle por regras na clínica analítico-comportamental. Em N. B. Borges & F. A. Casas (Orgs.), *Clínica analítico-comportamental: aspectos teóricos e práticos* (pp. 171-177). Porto Alegre: Artmed.
- Verneque, L. M., Moreira, M. B. & Hanna, E. S. (2009). Motivação. Em M. M. Hubner & M. B. Moreira (Orgs.), *Temas clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento* (pp. 75-87). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan Ltda.

## **Anexos**

Tabela 1. Padrão Comportamental: Fuga e Esquiva.

Comportamentos (R)	Situações onde ocorrem (SD)	Histórias de aquisição	Condições atuais mantenedoras	Consequências que favoreceram o padrão	Consequências que enfraquecem o padrão
<p>Correr de seus agressores; Evitar discussões e situações em que pudesse ser rejeitado; Procrastinar em encontrar a mulher com quem conversava virtualmente (Deixa de fazer o convite para se conhecerem presencialmente).</p>	<p>Diante das perseguições dos colegas de infância; Diante de comentários depreciativos do pai em relação a sua aparência e a sua preferência musical; Quando visualiza a inscrição do programa de tv no computador. Ao interagir virtualmente com a “namorada”</p>	<p>Na infância, na adolescência e na fase adulta, sofreu muito <i>bullying</i> dos colegas de turma e do seu pai por sua aparência e por seu gosto musical e agindo dessa maneira evitou prejuízos maiores. Pai não aprovava seu interesse pela música erudita e esperava que ele se comportasse de outra maneira, pra evitar um desgaste ainda maior na relação com o pai, muitas vezes, ignorava seus comentários e atitudes. Perdeu um dente quando adolescente e sempre foi acima do peso, impactando sobre seu autoconceito.</p>	<p>Depois que entrou na fase adulta e conquistou fama, tudo mudou. Já não mora com os pais nem no mesmo bairro, fez novos amigos, casou-se, passou a ser reconhecido pelo pai e pelo público em geral. Isso demonstra que atualmente não há tantas condições favoráveis à manutenção do antigo padrão de fuga e esquiva que por muito tempo ele adotou.</p>	<p>Evita críticas, agressões e rejeições (R-)  Pessoas tomam iniciativa por ele. (ex. chefe se passa por ele e marca encontro para Paul e Julz se conhecerem, faz a inscrição dele para o show de talentos de sua cidade etc) (R+)</p>	<p>Não aprende a se defender nem a solucionar conflitos (P-)  Poucos amigos (P-)  Nenhuma experiência sexual (P-)  Não adquire habilidades sociais para fazer novos amigos, lidar com situações constrangedoras e descobrir outros talentos, além da música erudita (P-)</p>

Tabela 2: Padrão comportamental:

“Resiliente”

Comportamentos (R)	Situações onde ocorrem (SD)	História de aquisição	Condições atuais mantenedoras	Consequências que favorecem o padrão	Consequências que enfraquecem o padrão
Permanecer cantando, apesar das adversidades; lutar para reconquistar a ex-namorada e atual esposa; enfrentar as situações mesmo com receio de fracassar ou de ser rejeitado; defender seu ponto de vista em relação ao seu talento diante do pai e passar a reagir diante de injustiças sofridas.	Diante das oportunidades que teve para mostrar seu talento; no primeiro encontro com Julz e depois quando tentou reatar o romance; na apresentação diante de Luciano Pavarotti e dos jurados do programa de tv; Diante do Pai e de Matthew.	Precisou superar, desde a infância, as críticas feitas por seus colegas de turma e pelo seu pai; Da mesma forma, ocorreu em relação às críticas de Pavarotti e diante dos contratemplos relacionados a sua saúde; Para não perder a oportunidade de continuar “namorando” com Julz, compareceu no encontro marcado pelo amigo, mesmo com receio de ser rejeitado, e se arriscou a cantar ópera para reconquistá-la; Passou a se defender das agressões de Matthew a partir do momento em que ele tentou roubar o	Inserção profissional em um ambiente competitivo e desafiador.  Padrão de vida elevado depois da fama.  Compromisso com os fãs.  Maior intimidade com quem considera importante	Reforços disponibilizados por continuar cantando: elogios, prêmios, fama e dinheiro. (R+)  Relacionamento de muita cumplicidade e afeto com Julz (R+)  Primeira experiência sexual com a esposa (R+)  Conquista de novos amigos (R+)  Conquista de maior intimidade com as pessoas que ama	Possíveis conflitos (P+);  Perda da privacidade (relacionada ao comportamento de permanecer cantando) (P-)  Aproximação de pessoas inescrupulosas (relacionada ao comportamento de estar comprometido em cantar e se esforçar para continuar fazendo sucesso) (P+)  Excesso de compromissos profissionais – pouco tempo para a família (P-)

prêmio que ele havia  
conquistado no concurso  
e a mostrar ao pai que ele  
não era o exemplo de  
homem que o pai  
supunha.

(R+)

---